



Resumo de Livros

Barroco ao Modernismo

*"Literatura é novidade que permanece novidade."
Ezra Pound*

Professora Juliana Gervason



BARROCO

BENTO TEIXEIRA

► Prosopopéia

É o marco inicial do Barroco no Brasil e também a nossa primeira obra literária. É, portanto, um marco em nossa literatura; contudo, não possui grande valor artístico. Bento Teixeira, de fato, é um poeta de menor expressão.

Trata-se de uma obra escrita com o objetivo de tecer elogios a Jorge de Albuquerque Coelho, o donatário da capitania de Pernambuco. Foi escrito em decassílabos, dispostos em oitava rima, com clara inspiração em *Os Lusíadas*.

Fala pouco do ambiente da colônia, com algumas poucas descrições de nossa natureza que não chegam a expressar qualquer sentimento nativista do autor.

BOTELHO DE OLIVEIRA

► Música do Parnaso

É o primeiro livro impresso publicado por um brasileiro, escritor não muito valorizado pela crítica mas de inegável valor histórico.

Traz poesias em português, espanhol, italiano e latim e duas comédias em verso, escritas em espanhol: *Hay amigo para amigo* e *Amor, engaños y celos*.

PADRE ANTÔNIO VEIRA

► "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda"

Foi pregado pelo Padre Antônio Vieira em 1640, na Igreja da Nossa Senhora da Ajuda. O padre alertava para o mal que os holandeses fariam à Bahia e ao Brasil. Segundo ele, os holandeses não faziam distinção de idade, sexo ou condição em seus horrores e depredações.

► "Sermão da Sexagésima"

Também conhecido como "a palavra de Deus", o *Sermão da Sexagésima* foi um sermão polêmico que resumiu a arte de pregar.

Pregado na Capela Real de Lisboa, fazia críticas diretas aos gongóricos dominicanos, adversários dentro da Igreja Católica, acusando-os de não frutificar a palavra de Deus.

ARCADISMO

SANTA RITA DURÃO

► Caramuru

Poema Épico do Descobrimento da Bahia é composto de dez cantos e, de acordo com o gênero, divide-se em cinco partes: proposição, invocação, dedicação, narração e epílogo.

Canto I

Na primeira estrofe, o poeta introduz a terra a ser cantada e o herói - Filho do Trovão -, propondo narrar seus feitos (proposição). Na estrofe seguinte, pede a Deus que o auxilie na realização do intento (invocação), e da terceira à oitava estrofes, dedica o poema a D. José I, pedindo atenção para o Brasil, principalmente a seus habitantes primitivos, dignos e capazes de serem integrados à civilização cristã. Se isso for feito, prevê Portugal renascendo no Brasil.

Da nona estrofe em diante, tem-se a narração. A caminho do Brasil, o navio de Diogo Álvares Correia naufraga. Ele e mais sete companheiros conseguem se salvar. Na praia, são acolhidos pelos nativos que ficam temerosos e desconfiados. Os naufragos, por sua vez, também temem aquelas criaturas antropófagas, vermelhas que, sem pudor, andam nuas. Assim que um dos marinheiros morre, retalham-no e comem-lhe, cruas mesmo, todas as partes.

Sem saber o futuro, os sete são presos em uma gruta, perto do mar, e, para que engordem, são bem alimentados. Notando que os índios nada sabem de armas, Diogo, durante os passeios na praia, retira, do barco destroçado, toda pólvora e munições, guardando-as na gruta. Desde então, como vagaroso enfermo, passa a se utilizar de uma espingarda como cajado.



Para entreter os amigos, Fernando, um dos náufragos, ao som da cítara, canta a lenda de uma estátua profética que, no ponto mais alto da ilha açoriana, aponta para o Brasil, indicando a futuros missionários o caminho a seguir. Um dia, excetuando-se Diogo, que ainda estava enfermo e fraco, os outros seis são encaminhados para os fossos em brasa. Todavia, quando iam matar os náufragos, a tribo do Tupinambá Gupeva é ferozmente atacada por Sergipe. Após sangrenta luta, muitos morrem ou fogem; outros se rendem ao vencedor que liberta os pobres homens que desaparecem, no meio da mata, sem deixar rastro.

Canto II

Enquanto a luta se desenvolve, Diogo, magro e enfermo para a gula dos canibais, veste a armadura e, munido de fuzil e pólvora, sai para ajudar os seis companheiros que serão comidos. Na fuga, muitos índios buscam esconderijo na gruta, inclusive Gupeva que, ao se deparar com o lusitano, saindo daquele jeito, cai prostrado, tremendo; os que o seguiam fazem o mesmo; todos acham que o demônio habita o fantasma-armadura.

Álvares Correia, que já conhecia um pouco a língua dos índios, espera amansá-los com horror e arte. Levantando a viseira, convida Gupeva a tocar a armadura e o capacete. Observa, amigavelmente, que tudo aquilo o protege, afastando o inimigo, desde que não se coma carne humana. Ainda aterrorizado, o chefe indígena segue-o para dentro da gruta, onde Diogo acende a candeia, levando-o a crer que o náufrago tem poder nas mãos.

Sob a luz, vê, sem interesse, tudo que o branco retirara da nau. Aqui, o poeta, louva a ausência de cobiça dessa gente. Entre os objetos guardados pelos náufragos, Gupeva encanta-se com a beleza da virgem em uma gravura. Tão bela assim não seria a esposa de Tupã? Ou a mãe de Tupã? Nesse momento, encantado pela intuição do bárbaro, Diogo o catequiza, ganhando-lhe, assim a dedicação.

Saindo da gruta, o índio, agora manso e diferente, fala a seu povo Tupinambá, ao redor da gruta. Conta-lhes sobre o feito do emboaba, Diogo, e que Tupã o mandara para protegê-los. Para banquetear o amigo, saem para caçar. Durante o trajeto, Álvares Correia usa a espingarda, aterrorizando a todos que exclamam e gritam: Tupã Caramuru! Desde esse dia, o herói passa a ser o respeitado Caramuru - Filho do Trovão. Querendo terror e não culto, Diogo afirma-lhes que, como eles, é filho de Tupã e a este, também, se humilha. Mas que como filho do trovão, (dispara outro tiro) queimará aquele que negar obediência ao grande Gupeva.

Nas estrofes seguintes, o poeta descreve os costumes da selva. Caramuru instala-se na aldeia, onde imensas cabanas abrigam muitas famílias, que vivem em harmonia. Muitos índios querem vê-lo, tocá-lo. Outros, em sinal de hospitalidade, despem-no e colocam-no sobre a rede, deixando-o tranqüilo. Paraguaçu é uma índia, de pele branca e traços finos e suaves. Apesar de não amar Gupeva, está na tribo por ter-lhe sido prometida. Como sabe a língua portuguesa, Diogo quer vê-la. Após o encontro os dois estão apaixonados.

Canto III

À noite, Gupeva e Diogo conversam sob a tradução feita por Paraguaçu. O lusitano fica pasmo ao saber que, para o chefe da tribo, existe um princípio eterno; há alguém, Tupã, ser possante que rege o mundo; aquele que vence o nada, criando o universo. O espírito de Deus, de alguma maneira, comunica-se com essa gente. Gupeva eloqüente fala acerca da concepção dos selvagens sobre o tempo, o Céu, o Inferno. Abordam a lenda da pregação de S. Tomé em terras americanas. Concluindo a conversa, o cacique diz que estão para ser atacados pelos inimigos; Caramuru aconselha-o a ter calma. De repente, chegam os ferozes índios Caetés que, ao primeiro estrondo do mosquete, batem em retirada, correndo, caindo; achando, enfim, que o céu todo lhes cai em cima.

Canto IV

O temido invasor noturno é o Caeté, Jararaca, que ama Paraguaçu perdidamente. Ao saber que ela esta destinada a Gupeva, declara guerra. Após o ataque estrondoso do Filho do Trovão, Jararaca convoca outras nações indígenas com as quais tinha aliança: Ovecates, Petiguares, Carijós, Agirapirangas, Itatis. Conta-lhes que Gupeva prostrou-se aos pés de um emboaba pelo pouco fogo que acendera, oferecendo-lhe até a própria noiva. O cacique alerta-os que se todos agirem assim, correm o risco de serem desterrados e escravizados em sua própria terra, enchendo de emboabas a Bahia. Apela para a coragem dos nativos, dizendo que apesar do raio do Caramuru ser verdadeiro, ele nada teme, porque não vem de Deus. Não há forças fabricadas que a eles destruam. A guerra tem início e Paraguaçu também luta heroicamente e, num momento de perigo, é salva pelo amado lusitano.

Canto V



Depois da batalha, os amantes discorrem sobre o mal que habita o ser humano e qual a razão de Deus para permiti-lo. Em seguida, em Itaparica, o herói faz com que todos os índios se submetam a ele, destruindo as canoas com as quais Jararaca pretendia liquidá-lo.

Canto VI

As filhas dos chefes indígenas são oferecidas ao destemido Diogo, para que este os honre com o seu parentesco. Como ama Paraguaçu, aceita o parentesco, mas declina as filhas. Na mata, o herói encontra uma gruta com tamanho e forma de igreja e percebe ali a possibilidade dos nativos aceitarem a Fé Cristã, e se dispõe a doutriná-los. Mais tarde, salva a tripulação de um navio espanhol naufragado e, saudoso da Europa, parte com Paraguaçu em um barco francês.

Quando a nau ganha o mar, várias índias, interessadas em Álvares Correia, lançam-se nas águas para acompanhá-lo. Moema, a mais bela de todas, consegue chegar perto do navio Agarrada ao leme, brada todo seu amor não correspondido ao esquivo e cruel Caramuru. Implora para que ele dispare sobre ela seu raio. Ao dizer isso, desmaia e é sorvida pela água. As outras, que a acompanhavam, retornam tristes à praia. Nas demais estrofes do canto, a história do descobrimento do Brasil é contada ao comandante do barco francês.

Canto VII

Na França, o casal é recebido na corte e Paraguaçu é batizada com o nome da rainha Catarina de Médicis, mulher de Henrique II, que lhe serve de madrinha. Diogo lhes descreve tudo o que sabe a respeito da flora e fauna brasileira.

Canto VIII

Henrique II se predispõe a ajudar Diogo Álvares na tarefa de doutrinação e assimilação dos índios, oferecendo-lhe tropa e recompensa. Fiel à monarquia portuguesa, o valente lusitano recusa tal proposta. Na viagem de volta ao Brasil, Catarina-Paraguaçu profetiza, prospectivamente, o futuro da nação. Descreve as terras da Bahia, suas povoações, igrejas, engenhos, fortalezas. Fala sobre seus governadores, a luta contra os franceses de Villegaignon, aliados aos Tamoios. Discorre sobre o ataque de Mem de Sá aos franceses no forte da enseada de Niterói e sobre a vitória de Estácio de Sá contra as mesmas forças.

Canto XIX

Prosseguindo em seu vaticínio, Catarina-Paraguaçu descreve a luta contra os holandeses que termina com a restauração de Pernambuco.

Canto X

A visão profética de Catarina-Paraguaçu acaba se transformando na da Virgem sobre a criação do universo. Ao chegar, o casal é recebido pela caravela de Carlos V que agradece a Diogo o socorro aos naufragos espanhóis. A história de Pereira Coutinho é narrada, enfatizando-se o apoio dos Tupinambás na dominação dos campos da Bahia e no povoamento do Recôncavo baiano.

Na cerimônia realizada na Casa da Torre, o casal revestido na realeza da nação espanhola, transfere-a para D. João III, representado na pessoa do primeiro Governador Geral, Tomé de Souza. A penúltima estrofe canta a preservação da liberdade do índio e a responsabilidade do reino para com a divulgação da religião cristã entre eles. Na última (epílogo), Diogo e Catarina, por decreto real, recebem as honras da colônia lusitana.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

► Cartas Chilenas

Foi escrito por com o objetivo de criticar o então governador mineiro, Luís Cunha Meneses. O autor mais tarde veio a participar da Inconfidência Mineira, sendo preso e exilado em Moçambique, onde morreu. A obra consiste em treze cartas escritas sob o pseudônimo de Critrilo endereçadas a Cláudio Manoel da Costa - que é citado com o nome Doroteu e tem uma epístola no final. O autor relata em versos decassílabos os desmandos, a corrupção, o abuso de poder e o nepotismo do governador, retratado na figura de um fictício governante chileno chamado Falastrão Minésio.

► Marília de Dirceu

É uma das mais famosas obras do nosso arcadismo. Em alguns momentos, a emoção consegue vencer a barreira da estilização neoclássica para produzir alguns dos mais belos momentos de nossa poesia. Seu autor, Tomás Antônio Gonzaga, apaixonou-se aos 40 anos por Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, de 17 anos. A primeira parte do livro traz uma obra típica do arcadismo, com o pastor Dirceu celebrando a



beleza da Marília. Percebemos no texto, e entretanto, que o autor está se referindo à sua própria paixão e a seus planos de ter com ela uma vida feliz e tranquila. Também há a preocupação de mostrar que não é um qualquer e que merece o coração de sua amada.

A família de Maria Dorotéia não aprovava o namoro dos dois, mas começa a ceder - até que o escritor foi preso por sua participação na Inconfidência Mineira e mandado para o presídio da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. A segunda parte do livro foi escrita por Tomás Antônio Gonzaga na cadeia e traz os melhores momentos de sua poesia. É quando o tom confessional e o sentimentalismo rompem o equilíbrio neoclássico, prenunciando o emocionalismo romântico.

BASÍLIO DA GAMA

► O Uruguai

É a mais importante obra do poeta. Neste poema épico, a intenção clara do autor é atacar os jesuítas - com quem fez os seus primeiros estudos - já que eles eram na época perseguidos pelo Marquês de Pombal. O escritor estava, na época, ameaçado de degredação, mas suas boas relações com Pombal o salvaram.

O enredo é a luta de portugueses e espanhóis contra os índios e os jesuítas em Sete Povos das Missões; de acordo com um tratado entre Portugal e Espanha, Sete Povos das Missões passaria a pertencer à Espanha, mas os nativos locais se recusam a sair do local.

O poema foi escrito em decassílabos brancos, sem divisão de estrofes. São cinco cantos em que, apesar do poeta ser um representante do Arcadismo, já vemos características do Romantismo na descrição da natureza brasileira e na idealização de nossos nativos.

No primeiro canto, há a apresentação do campo de batalha já coberto de cadáveres, principalmente de índios; há um retorno no tempo para mostrar o desfile das tropas luso-espanholas. No segundo, há o encontro entre o chefe das tropas luso-espanholas e os dois caciques indígenas. O acordo se mostra impossível devido à influência dos jesuítas, e ocorre a batalha. Apesar da bravura dos índios, eles são derrotados pelas armas de fogo dos europeus, e um dos caciques morre. O outro comanda a retirada.

No terceiro, o cacique morto aparece em sonho ao outro e sugere o incêndio no acampamento inimigo, o que ele faz com sucesso. Na volta, entretanto, ele é assassinado a mando do jesuíta Balda, que queria que o filho do cacique assumisse a liderança da tribo.

No quarto, as tropas luso-espanholas avançam sobre a aldeia, que se prepara para o casamento de Baldeta, o filho do cacique assassinado, com Lindóia. Ela, no entanto, prefere morrer a casar-se. Os índios batem em retirada, depois de atear fogo à aldeia.

No quinto, o poeta mostra suas opiniões. Culpa os jesuítas pelo massacre dos índios e louva o comandante militar português por proteger e respeitar os que sobreviveram.

ROMANTISMO

ÁLVARES DE AZEVEDO

► Lira dos vinte anos

É o livro mais importante de Álvares de Azevedo, considerado o maior representante do Ultra-Romantismo no Brasil.

Publicado, assim como toda a obra do autor, após a sua morte, sofreu algumas alterações até chegar à sua forma atual. Inicialmente, a *Lira* era dividida em duas partes. No início de cada uma, um prefácio do autor explica as suas intenções - prefácios esses que não eram parte integrante de sua primeira edição.

A primeira parte tem 33 poemas de temática intimista: dores do coração, medo da morte, a mulher que ora se mostra, ora se esconde, a família, o sonho e a fantasia que se misturam principalmente através do jogo metafórico na erotização da mulher. A mulher sensualizada sempre aparece em metáforas, ora em visões enfumaçadas, ora sob a perspectiva da perda e do imaginário onírico. Isso se deve, em parte, à **perspectiva nostálgica** dos textos literários românticos, que coloca uma distância daquilo que dá prazer; mas também se deve ao fato do poeta ser muito jovem e ainda não ter tido contato com as experiências do amor e da paixão definitivos.

A segunda parte, com 14 poemas, tem temática bem diferente. Como diz o autor no prefácio, "*quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.*" É uma citação aos personagens de *A Tempestade*, de Shakespeare. Ariel representa o Equilíbrio, o Bem, a Harmonia, a face clara e afável dos seres, enquanto que Caliban simboliza o Mal, o lado escuro dos seres, a desordem, o desequilíbrio. O autor está avisando, então, que o que se segue são poemas irônicos e paródias de um suposto "satanismo".



Trinta poemas estão presentes na terceira parte do livro, composta por um total de 77 composições poéticas. Esta parte, que repete basicamente a temática da primeira, não existia na obra original, tendo aparecido na segunda edição da obra - reorganizada em 1873 por Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

► Noite na taverna

É uma narrativa formada por sete contos/capítulos. Estão presentes características do ultra-Romantismo, do qual Álvares de Azevedo é o maior representante no Brasil, como as tramas rocambolísticas, a morbidez das histórias e os sentimentos exacerbados. No primeiro conto, conhecemos o ambiente boêmio da taverna, onde os cinco personagens se encontram. Os cinco contos seguintes são de histórias contadas por cada um deles, cada uma com o nome do personagem-narrador. Em cada uma delas, um tabu é tratado: necrofilia (Solfieri), antropofagia (Bertram), traição (Gennaro), monogamia (Claudius) e incesto (Johann).

No último capítulo, todos estão adormecidos. Entra uma mulher, que tenta beijar Arnold; como ele não acorda, ela volta-se para Johann e o mata com um punhal. Arnold, então, acorda e reconhece a mulher: trata da irmã de Johann, que no conto anterior havia relatado ter feito amor com ela. Descobrimos, então, que Arnold é, na verdade, Artur - ex-amante dela, que Johann pensou ter matado em um duelo, também relatado no conto anterior.

Arnold relembra do tempo que passou no hospital até se recuperar e da vida de desespero e devassidão a que se entregou por não conseguir mais encontrar a amante, que se transformou na prostituta Georgia. Ele pede a ela que fique com ele, mas ela diz que é tarde, pois está à beira da morte. Mostra então a Arnold o corpo de Johann, explicando que o matou por tê-la desonrado. Ele cobre o rosto, horrorizado, enquanto ela cai morta. Ele pega o punhal dela e se mata, enfiando-o no peito e caindo sobre o corpo da ex-amante.

► Macário

É a confusa peça teatral de Álvares de Azevedo, publicada, assim como toda a obra do autor, após a sua morte.

O primeiro ato se passa em uma caverna, onde o jovem estudante Macário conversa com um estranho. Este revela ser Satã, e o leva a uma cidade povoada por prostitutas e estudantes, cheia de devassidão - que, embora isso não seja citado textualmente, parece ser São Paulo. Lá, Macário tem uma alucinação envolvendo sua mãe, mas acorda no quarto do hotel. A empregada reclama que ele dormiu comendo, e ele pensa ter se tratado tudo de uma alucinação - quando os dois vêm no chão pegadas de pé de cabra queimadas no chão.

No segundo e último ato, Macário está com outros estudantes conversando em uma taberna na Itália. Estão todos confusos, deprimidos e em busca de um amor puro - seu amigo Penseroso acaba matando-se por amor, enquanto Macário está bêbado. A peça termina com Macário em uma orgia em um bar, para onde foi levado por Satã.

BERNARDO GUIMARÃES

► A escrava Isaura

O sucesso editorial de *A escrava Isaura* garantiu a Bernardo Guimarães o posto de um dos mais populares romancistas da época. O autor chega a fazer a defesa da abolição da escravidão, mas com cuidado para não desagradar o seu público conservador; e, para atrair simpatia para sua heroína, fez de Isaura uma escrava branca. Há um maniqueísmo exagerado, com os heróis idealizados e o vilão sendo a própria encarnação da maldade.

Isaura era filha de uma escrava com um ex-feitor da fazenda onde vivia, em Campos. Assim como sua mãe, era assediada por Leôncio, o dono da propriedade; e, também como sua mãe, resiste aos avanços de seu senhor. Por esta resistência, a mãe de Isaura foi submetida a um tratamento cruel que a levou à morte.

Leôncio começa a repetir a história com Isaura, mandando-a para a senzala. O pai da escrava, entretanto, consegue retirá-la de lá, fugindo com ela para Recife. Lá, ela adota um nome falso, Elvira, e se apaixona por Álvaro. Acaba sendo desmascarada e levada de volta a fazenda de Leôncio. Álvaro tenta inclusive comprá-la, mas Leôncio nega; para puni-la, arma o seu casamento com o jardineiro Belchior.

Leôncio, na verdade, está falido, com grandes dívidas. Álvaro descobre isso e compra sua dívida junto a seus credores, tornando-se proprietário de todos os seus bens - inclusive de seus escravos. É durante a cerimônia de casamento de Isaura que Álvaro surge reclamando seus direitos - o que leva Leôncio ao suicídio e a um final feliz para os dois apaixonados.

► O ermitão de muquém



É o primeiro romance de Bernardo Guimarães, escritor romântico que alcançou a popularidade com *A escrava Isaura*.

Trata-se de um romance regionalista, com fortes intenções nacionalistas. Exalta-se nossa natureza em todas as suas formas. A narrativa se esmera nos detalhes, na intenção de que o leitor "enxergue" não só a natureza como os costumes e a vida social que o escritor retrata no romance.

A história gira em torno do herói Gonçalo, homem destemido e apaixonado, que se torna herói em diversos momentos e acaba como mártir - do amor e do destino. Como é próprio do Romantismo, todos os sentimentos no herói são exaltados e exagerados: a fé, o amor, a bravura, o entusiasmo e a fantasia.

► O seminarista

Bernardo Guimarães costumava defender causas em seus romances. Em seu grande sucesso, *A escrava Isaura*, defendia a abolição da escravatura; em *O ermitão de Muquem*, exaltava nosso país e nossa natureza. Neste *O seminarista*, o escritor critica o celibato dos padres e o autoritarismo familiar.

Eugênio cresce em uma fazenda no interior de Minas Gerais ao lado de Margarida, filha de uma empregada. Com a convivência, os dois acabam se apaixonando; seus pais, insatisfeitos com a situação, decidem interná-lo em um seminário para que se torne padre. O rapaz chega a tentar abandonar a carreira forçada, mas seus pais, com a ajuda dos padres, inventam que Margarida se casou com outro. Desiludido, Eugênio finalmente consente em se tornar padre.

Já ordenado e de volta à sua vila, Eugênio é chamado para socorrer uma moça doente - que é justamente Margarida. A moça lhe conta a verdade e relata que foi expulsa da fazenda e, agora, passa necessidade. Não se casará com ninguém por ainda amar Eugênio. Com a revelação, os dois se entregam ao amor.

Eugênio está cheio de remorsos por ter pecado contra a castidade quando é chamado a encomendar um corpo na igreja onde irá celebrar sua primeira missa. O corpo é o de sua amada Margarida; o rapaz não resiste ao choque e, na hora da missa, enlouquece.

CASTRO ALVES

► Espumas flutuantes

É o único livro de Castro Alves revisado pelo autor. Podemos ver nele diversas características que diferenciam o autor da maioria dos outros poetas românticos.

O livro contém poesias líricas, tratando do amor e exaltando a pátria, e outras de caráter épico-social. O primeiro diferencial que salta aos olhos está nas poesias amorosas, em que não aparece só a mulher idealizada; existe a menção ao amor carnal, erótico.

Outra diferença em relação ao que havia no Romantismo até então está nos poemas existenciais em que Castro Alves exalta os prazeres da vida. Até então, o que se via era o pessimismo dos autores influenciados por Byron e o seu "mal do século".

Outra vertente explorada neste livro é o das poesias exaltando os progressos da humanidade e o avanço tecnológico.

► Os escravos

É uma reunião de poemas abolicionistas de Castro Alves, publicada doze anos após a sua morte. Inclui os famosos poemas *Navio negreiro* e *Vozes d'África*. Também traz o longo poema narrativo *A cachoeira de Paulo Afonso*, que conta a história de amor de dois escravos.

Ninguém foi mais veemente na poesia anti-escravagista do que Castro Alves, e isto fica claro neste livro. Em seu estilo, vemos muitas hipérboles, antíteses e metáforas. Há também o uso em larga escala das reticências e dos travessões - estes, muitas vezes utilizados para indicar o discurso direto.

Navio negreiro foi escrito anos depois da lei que aboliu o tráfico de escravos; como a lei não era completamente obedecida, o poeta se viu na obrigação de protestar. Mais tarde, se descobriu a influência do poema alemão *Das Sklavenschiff* (também *Navio negreiro*), de Heinrich Heine, escrito em 1854. De fato, diversas passagens do poema de Castro Alves são recriações inegáveis do poema original.

A cachoeira de Paulo Afonso passou a ser muitas vezes publicado separadamente de *Os escravos*, como se dele não fizesse parte. É uma obra-prima que retrata dolorosamente a tragédia da escravidão.

FRANKLIN TÁVORA

► O cabeleira

Publicado em 1876, *O Cabeleira* é o marco inicial do Regionalismo brasileiro. Traz em sua narrativa características marcantes do Realismo, do Naturalismo e do Romantismo.

Cabeleira era como era conhecido o cangaceiro José de Gomes > Rapaz que nascera com boa índole, Cabeleira acaba sendo ensinado pelo pai a ser cruel, violento e implacável. Junto com o pai, com seu traiçoeiro amigo Teodósio e seus comparsas, aterroriza a província de Pernambuco em 1776.



Ele, no entanto, se regenera ao reencontrar Luísa, o seu grande amor. Ela, no entanto, morre durante uma fuga, sendo Cabeleira preso em um canavial, faminto, desarmado e fraco. Apesar dos apelos da mãe, que dizia que o filho estava regenerado e merecia apenas a prisão, Cabeleira é condenado à morte. O romance mostra um homem naturalmente bom, resgatado pelo amor - traços do Romantismo. Mostra também como Cabeleira foi modificado pelo meio em que vivia - determinismo - como apregoava o Naturalismo. Há também a preocupação com questões sociais, como as dificuldades no sertão nordestino e a crítica à pena de morte, características do Realismo.

GONÇALVES DIAS

► I-Juca Pirama

É um dos mais elaborados poemas do Romantismo brasileiro. Foi publicado dentro de *Últimos Cantos*, de 1851. Seu título, traduzido da língua tupi, significa "aquele que há de ser morto".

A narrativa é dividida em dez cantos, organizados em forma de composição épico-dramática. É notável a musicalidade dos versos, característica sempre presente na obra de Gonçalves Dias. São versos alexandrinos e decassílabos.

A história é narrada por um velho índio da tribo dos Timbiras. A sua tribo, de guerreiros ferozes e canibais, captura um último remanescente dos guerreiros Tupis, que sobrevive junto ao seu pai. Eles, então, preparam o prisioneiro para o seu ritual e mandam que ele cante todos os seus feitos, pois acreditam que a bravura do guerreiro passará para aqueles que comerem o seu corpo.

I-Juca Pirama, então, conta sua história, cheia de feitos e bravuras. Mas pensa em seu pai, cego, que ficará indefeso após sua morte. Por isso, pede que poupem sua vida, prometendo que voltaria depois da morte do pai. O ato é interpretado como covardia pela tribo, que o liberta. Seu pai sente o cheiro das tinturas do ritual timbirae pergunta o que aconteceu; ele explica ao pai, mas sem revelar que fora libertado para cuidar dele. O pai o renega, envergonhado da covardia do filho.

Para mostrar que não é covarde, o índio solta seu grito de guerra e ataca os timbiras, destruindo a tribo rival até seu chefe gritar "basta!" e recuperando, assim, a sua honra. Nesta obra, os índios são retratados de maneira próxima, mostrando-se os seus costumes. São, porém, muito idealizados - em especial o protagonista, típico herói romântico.

► Os timbiras

É mais uma das obras indianistas do poeta. Nela, o autor se utiliza muito de termos tupis e de versos brancos (sem rima).

O autor narra feitos de índios da tribo Timbira, de guerreiros ferozes e canibais. Os principais personagens da história, povoada por pajés sábios, inimigos maldosos e valorosos guerreiros, são o chefe Itajuba e o jovem guerreiro Jatir.

Dentro das características do Romantismo, os heróis indígenas são excessivamente idealizados, falando apenas de valor, coragem, guerra e honra.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

► O moço loiro

Há uma leve crítica à sociedade da época, em especial na figura da viúva Lucrecia, mas nada de muito profundo.

Uma cruz de ouro é roubada da família Mendonça. A culpa cai no jovem Lauro, um dos Mendonças, que abandona a família e desaparece.

Tempos depois, Honorina, prima de Lauro, começa a ser cortejada por bilhetes de um admirador que, misteriosamente, está em todos os lugares e sabe de tudo, utilizando os mais incríveis disfarces - é o moço loiro do título.

Ele acaba salvando o pai da moça da ruína financeira, causada por um empregado desonesto - que era o verdadeiro ladrão da cruz de ouro. Ele então se revela: é Lauro. Ele e Honorina finalmente ficam juntos e têm o seu final feliz, deixando triste Raquel, amiga de Honorina, que também amava secretamente o rapaz.

► A moreninha

Foi o primeiro romance urbano de nosso Romantismo. Apesar do estrondoso sucesso de público que alcançou na época em que foi escrito, lhe é atribuído pela crítica apenas valor histórico, não sendo muito valorizado artisticamente.

Augusto fizera uma aposta com seus amigos de que jamais passaria mais de 15 dias apaixonado por uma moça; caso isso acontecesse, escreveria um livro para eles. *A moreninha* seria o pagamento desta aposta.



Ainda criança, ele prometera amar eternamente uma menina. Já adulto, não consegue lembrar-se sequer de seu nome. Conhece então Carolina, irmã de seu amigo Felipe, e se apaixona. Finalmente ficam noivos, mas a amada lhe diz que ele precisa cumprir a promessa de infância. Finalmente, ela revela ser ela a menina e o casal tem o seu final feliz. A trama é típica do Romantismo, com a moça idealizada e o rapaz tentando conquistar o seu amor. Há os obstáculos - no caso, a primessa de infância - e o final feliz. A obra serve como retrato da sociedade carioca da época e de seus costumes. Tem uma linguagem simples, que beira o desleixo, mas que garantia a sua popularidade entre a classe média daqueles tempos.

JOSÉ DE ALENCAR

► Cinco minutos

É uma típica narrativa Romântica: mostra um amor puro de duas almas gêmeas, que vence grandes obstáculos e, afinal, se realiza. É contado em forma de uma carta de um rapaz à sua prima - o mesmo rapaz que escreve à prima será retomado como narrador de *A pata da gazela*.

O protagonista atrasa-se cinco minutos e, por conta disso, perde o seu ônibus. Ao embarcar no próximo, conhece uma moça por quem se apaixona, mesmo sem ver o rosto e saber seu nome - apenas ouvindo sua voz. Ela, no entanto, diz que os dois não podem ficar juntos.

Ela viaja, e ele o segue. Se encontram, declaram seu amor, mas ela insiste que não podem ficar juntos, dizendo que deixou uma carta para ele. Ele parte em busca da carta e, ao lê-la, descobre que ela está doente e condenada a morrer. Assim, nega a si mesma o amor, para que não tenha a dor da separação.

Ele corre atrás dela até a doca onde embarca para a Europa, mas não consegue alcançar o navio. Viaja no que parte em seguida e, chegando à Europa, dá-lhe um beijo apaixonado. Este beijo a cura de sua doença; os dois se casam e, após um ano morando na Europa, retornam ao Brasil e passam a morar em uma casa no campo.

► Diva

Faz parte da lista de romances urbanos de José de Alencar, da qual fazem parte títulos mais conhecidos - como *Lucíola* e *Senhora*.

Emília é uma jovem mimada, filha de um rico capitalista do Rio de Janeiro. Por ela é apaixonado o médico Augusto, que salvara sua vida quando ela ainda era uma pré-adolescente feia.

Ela diz que não o ama, e os dois se envolvem em jogos de amor por vezes infantis, em outras humilhantes. Quando ele renegaseu amor, Emília percebe seu erro e se declara. Augusto então descobre que ainda a ama, e os dois vivem felizes para sempre.

► Encarnação

Foi o último livro de José de Alencar, escrito meses antes de sua morte. Foi publicado como folhetim em um jornal do Rio de Janeiro, sendo lançado em livro apenas após a sua morte.

Hermano era um homem de posses e boa colocação social. Apaixona-se por Julieta e casa-se com ela, vivendo os dois um intenso amor até que ela morre durante um aborto. Ele fica inconsolável e é levado para Europa por seu amigo, o Dr. Henrique Teixeira, mas a memória da esposa não se apaga de sua cabeça. Retorna à chácara, onde passou a morar com Abreu - pai de criação de Julieta que se torna seu homem de confiança.

Amália é uma jovem que vive com os pais na casa vizinha à de Hermano. Bonita, toca piano e tem bela voz, atraindo muitos pretendentes, que despreza. Desde os oito anos acompanhava a vida do casal vizinho. Fica desconfiada quando chegam enormes caixas à casa de Hermano e, depois, quando vê silhuetas de mulher pelas janelas. Se decepciona, acreditando que ele traiu a memória de sua esposa - na verdade, as caixas traziam estátuas de sua mulher, responsáveis pelas silhuetas que a moça via.

Sr. Veiga, pai de Amália, acredita que Hermano poderia ser um bom partido para a filha e se aproxima do Dr. Teixeira para saber mais sobre ele. Amália, também curiosa, também torna-se amiga do jovem médico, o que faz com que seu pai desconfie que os dois são namorados.

Amália se interessa por Hermano e se utiliza de todas as suas qualidades para atraí-lo, principalmente sua voz - qualidade que ele também admirava em sua falecida esposa. Ele finalmente se interessa pela moça e usa o Dr. Teixeira para aproximar-se dela. Os dois se entendem em um baile, tornam-se noivos e se casam. Hermano apenas lhe proíbe de entrar no quarto em que dormia com a antiga esposa, que mantém fechado.

O fato é que o casamento dos dois não se concretiza, pois Amália ainda tem na lembrança o que acreditava ter sido uma traição de Hermano à memória da mulher. O engano só se desfaz quando ela, desobedecendo o marido, entra no quarto que mantinha fechado e lá encontra as estátuas de Julieta.



O casamento se concretiza e os dois são pais de uma linda menina - com traços tanto de Amália quanto de Julieta.

► O gaúcho

Publicado em 1870, é o primeiro dos romances regionalistas de José de Alencar, que com eles pretendia fazer um retrato do país afastado da Corte. Além desse, escreveu *O tronco do ipê*, sobre o interior fluminense, *Til*, sobre o interior paulista, e *O sertanejo*, sobre o sertão nordestino.

Manuel Canho é um menino gaúcho que admira seu pai, um grande conhecedor de cavalos que morre assassinado. Ele nunca o esquece, odeia seu padrasto e, quando este morre, parte para vingar a morte do pai.

Depois de conseguir, apaixonou-se por Catita. Esta se entrega a outro homem durante viagem de Manuel. Quando ele volta, ela se joga aos seus pés, implorando seu amor. Ele afasta-se dela em seu cavalo, mas ela corre e sobe em sua garupa. O livro termina com os dois cavalgando velozmente pelos pampas rumo ao infinito, em uma paisagem de céu encoberto, relâmpagos e vento.

► O guarani

É um dos romances indianistas que fizeram a fama de José de Alencar. Como em *Iracema*, ele trata da união entre brancos e índios que iria formar o povo brasileiro. Peri é um índio que vive na casa do fidalgo português D. Antônio de Mariz. Ele ganhou a gratidão do nobre e o carinho de sua filha Cecília ao salvá-la de uma avalanche de pedras. Ele a protege então dos planos do aventureiro Loredano, que pretende raptá-la e destruir toda a família de D. Antônio.

Diogo, filho de D. Antônio, mata por acidente em uma caçada uma criança da tribo aimoré. Os aimorés, irados, pretendem se vingar. Dois deles são mortos por flechas de Peri quando observavam o banho de Ceci, que pretendiam matar.

A luta inicia-se, e os aimorés, muito mais numerosos que os colonos, vão vencendo. Peri, sabendo que os aimorés eram antropófagos, toma veneno e se atira à luta com os inimigos; sabia que, quando capturado, sua carne seria devorada por eles.

Peri é então capturado e aguarda seu sacrifício quando Álvaro, ex admirador de Ceci e agora casado com Isabel, sua irmã adotiva, o salva heroicamente. De volta, Peri conta o que fez a Ceci, que fica desconsolada. Ele volta então à mata para procurar um antídoto.

Quando retorna, já curado, traz consigo o corpo de Álvaro, morto lutando contra os aimorés. Isabel, desesperada, suicida-se sobre o corpo do amado. Loredano, a esta altura sentindo-se seguro, age tramando a morte de D. Antônio, mas é preso e morto na fogueira como traidor.

Peri torna-se cristão, condição imposta por D. Antônio para consentir com a fuga de Ceci, para que se salvem. Peri chega ao rio Paquequer e foge com ela de canoa. Eles ouvem então a explosão provocada por D. Antônio que, cercado pelos aimorés, jogou fogo nos barris de pólvora, matando índios e portugueses.

Peri conta a Ceci, que estava desacordada, o que aconteceu. Ela resolve não mais ir para o Rio de Janeiro como planejara, mas sim viver na selva com o índio. Uma tempestade faz as águas do rio subirem e eles se refugiam no alto de uma palmeira. Quando a situação piora, Peri arranca a árvore do solo com força descomunal e a transforma em uma canoa improvisada. A narrativa termina com a palmeira sumindo no horizonte, com José de Alencar sugerindo uma união amorosa entre os dois.

► A guerra dos mascates

É um dos livros históricos de José de Alencar, e trata do episódio que lhe dá nome.

Em 1710, Recife prosperava, em grande parte pela presença dos comerciantes portugueses, chamados "mascates". Para escapar da autoridade de Olinda, então sede da capitania de Pernambuco, os mascates pedem e conseguem de Portugal jurisdição própria para sua vila.

Os senhores de engenho estabelecidos em Olinda se rebelam e tomam Recife, depondo o governador e colocando no cargo o bispo de Olinda. Depois de muita luta, finalmente Recife recupera a sua autonomia.

► Iracema

É uma lenda criada por José de Alencar para contar a origem de sua terra natal, o Ceará. Ele se utiliza para isso de dois personagens históricos: Martim Soares Moreno e Poti, o índio que o ajuda, que depois de converter-se ao cristianismo foi conhecido como Felipe Camarão.

Durante uma caçada, Martim perde-se na mata e conhece a índia pitiguara Iracema. Ele é acolhido pela sua tribo e Iracema se apaixonou pelo rapaz, que corresponde. Ela, no entanto, diz que não pode ficar com ele, pois, por ser filha do pajé, guardava o segredo da jurema e quem com ela se relacionasse morreria.



Enquanto isso, os índios da tribo tabajara se preparam para a guerra contra os pitiguaras, acusados de deixarem brancos invadirem suas terras. A situação é ainda pior pelos ciúmes que Irapuã, chefe tabajara, sente de Martim, por ser também apaixonado por Iracema.

Poti, índio que se unira aos brancos e amigo de Martim, aparece para levá-lo e evitar que os brancos lutem contra os índios para salvá-lo. Eles combinam que ele sairá na mudança da lua, ocasião em que os tabajaras estariam em festa e assim ficaria mais fácil os dois evitarem o encontro com o irado Irapuã. Enquanto esperava a ocasião, em uma noite, Martim tomou vinho antes de dormir e, durante o sono, chamou por Iracema; esta veio e abraçou-o. Quando Martim acordou, afastou-a, dizendo que só podia tê-la em sonho, sem saber do abraço real de Iracema.

Enquanto partiam, Iracema disse que iria com ela, pois já era sua esposa. Os tabajaras os perseguiram e houve o enfrentamento, vencido pelos pitiguaras. Iracema chorou pela morte de seus irmãos de raça da outra tribo, mas passou a viver feliz com Martim. Este foi aceito na tribo e adotou o nome de Coatiabo.

Com o tempo, Martim passou a sentir saudade de sua vida entre os brancos. Ele deixa Iracema por um tempo para ajudar os pitiguaras na luta contra os tabajaras, o que a deixa triste; mas, após a vitória, retorna. Iracema está grávida e percebe que a tristeza e a saudade de seu marido aumenta.

Um dia, surge um navio de guerra; são brancos que vêm se juntar aos tupinambás para lutar contra os pitiguaras. Martim e Poti bolam uma estratégia de defesa: escondem seus guerreiros e atacam de surpresa, vencendo o inimigo. Durante este combate, Iracema dá a luz a seu filho, que chama de Moacir - que quer dizer "filho da dor". Pela tristeza, ela perde o apetite e as forças.

Quando volta do combate, Martim a encontra fraca, à beira da morte. Ela apenas apresenta o filho ao marido e morre, pedindo que a entrem aos pés do coqueiro que ela tanto gostava. O lugar onde ela foi enterrada foi chamado Ceará; Moacir era o primeiro cearense. Martim retornou para sua terra com Moacir. Voltou ao Ceará quatro anos depois e lá implantou a fé cristã. Poti tornou-se cristão e continuou fiel amigo de Martim. Os dois ajudaram o comandante Jerônimo de Albuquerque a vencer os tupinambás e a expulsar o branco tapuia. De vez em quando, Martim revia, com saudade e tristeza, o local onde fora tão feliz.

► Lucíola

É o primeiro dos livros urbanos de José de Alencar que formaram a trilogia chamada por ele de "perfis de mulheres", que se completa com *Diva* e *Senhora*. Tem características marcantes do Romantismo, como a exaltação do amor, o sentimentalismo melancólico e o subjetivismo.

O narrador da história é um dos protagonistas, Paulo, que a conta em forma de carta endereçada a G.M. - que a publica em forma de livro. Paulo era um rapaz do interior que vai para o Rio de Janeiro conhecer a Corte; encontra-se com Lúcia, uma prostituta de luxo, e torna-se seu amante - ela se mostra uma mulher pura de espírito, e se nega a receber o pagamento dele na primeira noite que têm juntos.

Depois de problemas no relacionamento, Paulo e Lúcia começam um período de abstinência: ela diz que não pode entregar-se a ele pois o ama de modo muito mais profundo, além de estar doente. Paulo não a compreende por muito tempo, até passar a respeitar sua vontade.

Ela lhe conta sua origem: seu nome verdadeiro era Maria da Glória. Aos 14 anos, a febre amarela atacou toda a sua família; desesperada, ela pede ajuda a um vizinho, o Sr. Couto, que em troca de dinheiro tira a sua virgindade. O dinheiro salva a vida dos pais e da irmã, mas seu pai a expulsa de casa. Ela vai para a casa da cafetã Jesuína e conhece Lúcia, outra prostituta, de quem fica amiga. Ela morre logo depois, e Maria da Glória troca de identidade com ela. A partir de então, todo dinheiro que ganha, junta para fazer um dote para a irmã, Ana - que, após a morte dos pais, vai para um colégio interno pago por Maria da Glória.

Eles se mudam para uma casa menor, junto com Ana. Paulo, conhecendo a história de Lúcia, passa a amá-la da maneira mais sincera. Lúcia, doente, sente que a morte se aproxima e pede a Paulo que case-se com Ana, que a essa altura já o ama também. Paulo rejeita, pois não a ama.

Lúcia, que estava grávida de Paulo, perde o filho, mas recusa-se a tomar um remédio para expelir o feto: "Sua mãe lhe servirá de túmulo". Morre nos braços de Paulo, recebendo dele a promessa de cuidar de Ana como se fosse uma filha.

► As minas de prata

Além de seus grandes folhetins, por vezes urbanos, por vezes regionalistas ou indianistas, José de Alencar escreveu também livros de cunho histórico.

Em *As minas de prata*, ele trata dos bandeirantes e aventureiros que foram rumo ao sertão atrás de um lendário tesouro escondido. Foi graças a eles que a região foi povoada. A narrativa tem Estácio Correa como personagem principal.

► A pata da gazela



Além de usar o clássico tema do triângulo amoroso, ainda se utiliza de uma idéia conhecida: o homem que procura a sua amada utilizando o sapato perdido por ela, como em *Cinderela*. A história é narrada pelo mesmo autor de *Cinco minutos*, que fala à mesma prima.

Horácio é um homem refinado, tanto nas roupas como em seu trato pessoal, que faz sucesso entre as mulheres. Se apaixona por uma moça que cruza com ele na rua, cujo laçao deixa cair seu pequeno sapato. Passa a procurar pela mulher de pés delicados, que caberiam no sapato que pegou, em festas e eventos; mas a tarefa é dificultada pelos longos vestidos usados na época, que cobriam os pés.

Leopoldo, que era um homem fechado, vestindo luto pela morte de sua irmã, também se apaixona por Amélia ao ver seu sorriso, entrando em uma carruagem. Torna-se amigo de Horácio; em uma festa em que encontraram as moças, vai atrás delas quando estão entrando na carruagem para ir embora; vê de relance um pé enorme, que imagina ser de sua amada mas, na verdade, é de sua prima Laura, que a acompanhava.

Horácio descobrira que o sapato que pegara era de Amélia, se aproximou dela e ela se interessou por ele. Ele então a pede em casamento, e ela pede um prazo de 15 dias para responder. Leopoldo se decepciona com a notícia, mas decide continuar amando a sua alma.

Horácio comenta com o amigo Leopoldo que nem se interessara tanto por Amélia até descobrir que ela era a dona do sapatinho. Leopoldo então conta o que vira: o pé disforme da moça. Amélia ouve a conversa dos dois e decide testar o amor de Horácio, colocando o sapato de sua prima. Horácio, ao vê-la, acredita que ela realmente tem os pés enormes e se afasta.

Enquanto Horácio passa a cortejar Laura, que imagina ser a verdadeira dona do sapato, Amélia se junta a Leopoldo. Percebe que seu amor é mesmo puro, pois ele não se importa com os pés enormes que acredita que a amada tem. Assim, quando Horácio descobre que Laura é que tem os pés disformes e volta a cortejá-la, ela o despreza.

Leopoldo, graças ao seu amor, transforma-se em um rapaz de melhores tratos, mais elegante. Ele e Amélia casam-se, e só depois da cerimônia ela lhe faz a surpresa, mostrando seus pequenos e perfeitos pés.

Embora o narrador mantenha por muito tempo o suspense sobre a verdadeira dona do sapato e do pé descalço, o final é, de certa forma, previsível. Mas é uma narrativa leve, bem humorada e com traços de crítica ao comportamento da sociedade da época.

► Senhora

Retrata a sociedade fluminense de sua época, com a ascensão da burguesia e a urbanização, e o modo de vida da aristocracia. Critica seus costumes e a instituição do casamento, usada como instrumento de ascensão social.

Aurélia Camargo é uma moça pobre e órfã de pai, noiva de Fernando Seixas. Este, com o sonho de ter uma carreira fácil e iludido pela possibilidade de conseguir um bom dote, rompe o noivado. Aurélia, então, desilude-se completamente com os homens.

Com a morte de seu avô, porém, Aurélia fica repentinamente rica. Propõe então a Fernando o casamento em troca de um dote de cem contos, grande quantia na época. Na noite do casamento, Aurélia mostra-lhe todo o seu desprezo e lhe diz que eles viverão como casados perante a sociedade, mas dormirão sempre separados. Ele compreende que se deixou comprar; este caráter de transação comercial que ganha o casamento dos dois é explícito nos títulos dos quatro capítulos do livro: "Preço", "Quitação", "Posse" e "Resgate".

Os dois passam a viver uma espécie de duelo até que Fernando consegue juntar os cem contos e pagar de volta a Aurélia, propondo então a separação. Aurélia então lhe mostra uma carta que escrevera logo depois do seu casamento: era um testamento, em que confessava seu amor pelo marido e o colocava como seu único herdeiro. Eles então se reconciliam e têm um final feliz, típico do Romantismo de José de Alencar.

► O sertanejo

É um dos romances regionalistas de José de Alencar, que também escreveu *O tronco do ipê* sobre o interior fluminense, *Til* sobre o interior paulista e *O gaúcho* sobre os pampas. Neste livro ele descreve o sertão nordestino.

Arnaldo Campelo é um corajoso vaqueiro que se dedica totalmente a seu capitão-mor, na esperança de conquistar o amor de sua filha, Dona Flor. Ele se destaca por sua valentia, à moda dos antigos cavaleiros medievais, tendo como rival Marcos Frágoso.

Dona Flor, no entanto, é prometida a Leandro Barbalho. No momento do casamento, surgem os inimigos de Campelo, e se dá um tiroteio que acaba matando Barbalho. Dona Flor se lamenta, enquanto Arnaldo tenta consolá-la.

► O tronco do ipê



José de Alencar mostra seu lado regionalista, como também fez em *O gaúcho*, *O sertanejo* e *Til*. Neste livro, ele retrata a zona da mata, no interior fluminense. A história se passa na fazenda Nossa Senhora do Boqueirão. O tronco de um outrora frondoso ipê marca a decadência da fazenda perto da qual mora, em uma cabana, o negro Benedito - espécie de feiticeiro que guarda o segredo da família.

Mário vive desde pequeno na fazenda ao lado de sua prima Alice, com quem se envolve. Ele descobre que Joaquim, pai de Alice, foi quem assassinou seu pai e se desespera: não poderia casar com a filha de alguém que lhe fizera tamanho mal.

Ele então tenta o suicídio, mas Benedito o impede. Ele conta-lhe a verdade: Joaquim não matara seu pai. Ele foralevado pelas águas do Boqueirão e estava enterrado junto ao tronco do ipê. Aliviado, Mário casa-se com Alice.

► Ubirajara

Segue a linha de romances indianistas de José de Alencar, da qual também fazem parte *Iracema* e *O guarani*. Neste, ele narra a formação da nação ubirajara. À sua maneira romântica, ele idealiza o nosso índio, de acordo com o mito do "bom selvagem".

Ubirajara era um índio guerreiro da tribo araguaia que, por sua força, coragem e habilidade, conseguia tudo o que queria. Ganhou o nome Jaguaré, que vinha de um tipo de onça feroz que nunca deixava suas presas escaparem, por ser um grande caçador. Era muito admirado e as virgens disputavam o seu amor. Uma delas, Jandira, havia sido prometida a ele.

Um dia, durante uma caçada, conheceu a virgem Araci, da tribo tupi, e por ela se apaixonou. Ela, também interessada nele, lançou um desafio: aquele que fosse o melhor guerreiro ficaria com ela.

Enquanto preparava-se para a luta, Jaguaré envolveu-se em uma longa luta com um guerreiro tupi, da qual saiu vencedor. Levou o adversário como prisioneiro para sua tribo, para que fosse morto a seu tempo.

Foi então para a tribo dos tocantins lutar pelo amor de Araci. Venceu o desafio mas, quando revelou a sua identidade, descobriu-se que o índio que ele havia aprisionado era irmão de sua amada. Ubirajara então voltou à sua tribo, libertou-o e convocou os araguias para lutar contra os tocantins.

Quando se preparavam para a batalha, os araguias souberam que os tapuias também estavam em guerra contra os tocantins e queriam uma aliança. Ubirajara, no entanto disse que não queria ajuda nenhuma e derrotaria os dois grupos. Na batalha entre os tapuias e os tocantins, morre o maior guerreiro dos tapuias e o chefe dos tocantins perde a visão.

Quando os araguias chegaram à tribo tocantins para a luta, Ubirajara pediu para que o chefe cego atirasse para o ar. Ele também atirou e, com as duas flechas cruzando no ar, foi selada a paz. Assim, Ubirajara tornou-se marido de Araci e deu a ela Jandira como escrava. Ela, por sua vez, a deu ao marido como esposa. Assim, Jandira e Araci tornaram-se esposas do maior guerreiro araguaia tocantins.

A união dessas duas tribos deu origem a uma nova nação, denominada ubirajara, que dominou o deserto por muito tempo.

► A viuvinha

A viuvinha, de José de Alencar, é uma narrativa típica do Romantismo, com o herói lutando para vencer os obstáculos que o impedem de unir-se à sua amada.

Jorge e Carolina - segundo o narrador, estes não são seus verdadeiros nomes - são namorados e, finalmente, se casam. Porém, no dia do casamento, Jorge descobre, através de Almeida, seu antigo tutor, que está falido. Ele finge então um suicídio e afasta-se de Carolina.

Enquanto ela, mesmo de luto, acaba tornando-se grande atração dos bailes da cidade, Jorge adota o nome falso de Carlos e luta para recuperar suas posses e o bom nome de sua família. Depois de uma viagem aos Estados Unidos ele retorna e luta pelo amor de Carolina. Depois de um breve mistério para saber se ela ainda o queria, a narrativa acaba com um final feliz para os dois.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

► A intrusa

É uma das principais obras de Júlia Lopes de Almeida, uma das raras mulheres a conseguir espaço de destaque em nossa literatura no início do século XX. Foi publicado inicialmente em capítulos no *Jornal do Commercio* em 1905, saindo em livro três anos depois. Retrata a sociedade da época em todas as suas camadas, desde a nobreza já decadente até o escravo recém-libertado.

Alice é contratada como governanta pelo viúvo Argemiro, para que cuide da casa e da educação de sua filha, Maria. Fiel à memória da mulher, ele impõe como regra que ele e a governanta não devem nunca se ver - o que não evita que façam comentários maldosos sobre a relação dos dois. Aos poucos, ele acaba se encantando por Alice, graças ao seu bom trabalho.



A Baronesa, mãe da falecida ex-mulher de Argemiro, quer a todo custo evitar a união dos dois, lembrando-o da promessa que ele fizera à sua filha, de que nunca se casaria novamente. Ela conta com a ajuda de Feliciano, um ex-escravo que, antes da chegada de Alice, tinha acesso livre às coisas do patrão e se utilizava delas indevidamente. Também está ao lado da Baronesa o padre Assunção.

Ao mesmo tempo, Pedrosa também intervém entre Argemiro e Alice, tentando arranjar o casamento dele com sua filha, Esta, no entanto, não aceita o arranjo que a mãe tenta fazer e acaba encontrando seu príncipe encantado.

Apesar de todas as intervenções contrárias, Argemiro se apaixona por Alice. Maria se transforma totalmente graças à influência da governanta, passando de menina rebelde a moça prendada. Por fim, Argemiro e Alice acabam se casando.

A obra de Júlia Lopes de Almeida discute o papel da mulher na sociedade da época, apontando para ela o trabalho como um novo caminho. Entretanto, este trabalho continua sendo sempre relacionado a afazeres domésticos, e o casamento acaba sendo o modo como a heroína consegue sua ascensão social.

MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

► Memórias de um sargento de milícias

Escrito na época em que a estética dominante em nossa literatura era a do Romantismo, *Memórias de um sargento de milícias* já antecipa alguns traços do Realismo. Destaca-se por não prender-se a modelos importados de Portugal, trazendo um modelo de romance genuinamente nacionalista.

O livro se divide em duas partes, a primeira com 23 capítulos, a segunda com 25. O protagonista é Leonardo, filho de "uma pisadela e um beliscão" (como eram chamadas na época as cantadas). Seus pais, dois imigrantes portugueses, o abandonam, e ele é criado por seu padrinho, um barbeiro bonachão.

Este tenta torná-lo advogado ou padre, mas o menino não se dá bem nem na escola nem como coroinha. Apaixona-se por Luisinha, moça que não era bonita; já não era mais menina, mas ainda não havia ganhado as formas de mulher. Ela, no entanto, se casa com o rico advogado José Manuel.

Leonardo se torna um vadio, um malandro, constantemente preso pelo major Vidigal. É este mesmo major que, graças a fuxicos das comadres, acaba arrumando uma vaga nas milícias para Leonardo.

José Manuel morre, deixando Luisinha viúva. É a hora perfeita para Leonardo finalmente juntar-se a ela - agora rica e bonita, finalmente com "formas de mulher".

Ao contrário do que o título poderia sugerir, o livro não é narrado em primeira pessoa, e sim em terceira. O narrador frequentemente interrompe a narrativa para comentar com o leitor as ações dos personagens. A linguagem é coloquial, e as descrições das cenas e das festas populares dão o tom Realista à história, que se passa entre pessoas comuns, da periferia, longe da corte - coisa incomum nos romances da época.

MARTINS PENA

► O noviço

É uma das mais famosas peças de Martins Pena. É uma narrativa bem humorada que mostra a situação de jovens que eram mandados por suas famílias para o sacerdócio sem terem vocação.

A história é dividida em três atos. No primeiro, conhecemos o ambicioso Ambrósio, que casou com Florência interessado na herança que ela recebeu depois da morte de seu primeiro marido. Para ter total controle da situação, planeja enviar para o convento Emília e Juca, filhos de Florência - assim como fizera com Carlos, sobrinho tutelado da esposa. Assim, com todos fazendo o voto de pobreza da vida religiosa, Ambrósio teria total controle sobre a fortuna.

Contudo, Carlos foge do convento, declara querer ser militar e estar apaixonado por Emília. O rapaz rapidamente percebe os planos de Ambrósio; é quando surge Rosa, ex-mulher de Ambrósio, que fugira com o seu dinheiro. Ela conta a história a Carlos, que demonstra a Ambrósio saber da verdade, desconcertando-o. Já Rosa, ao saber da situação atual do marido, desmaia. Surgem meirinhos para capturar Carlos e levá-lo de volta ao convento, mas o jovem convence Rosa de que eles estão atrás dela; eles então trocam as roupas e ela é levada no lugar do rapaz.

Ambrósio entra então na sala e confunde Carlos com Rosa. Ao perceber o engano, fica enfurecido, mas é obrigado a se humilhar frente ao rapaz quando ele lhe apresenta a certidão de casamento que conseguira com Rosa. Ambrósio então aceita as condições de Carlos: ele largaria o noviciado, ficaria com a herança do pai e poderia se casar com Emília. É quando surge Florência, que também se confunde com o disfarce do sobrinho e acredita que flagrou uma traição do marido.

Quando percebe que a mulher é o sobrinho, pergunta o porquê daquela situação. Carlos diz que estão encenando uma peça para o Sábado de Aleluia. Ele e Ambrósio começam a falar de como ele largará o noviciado para casar com Emília; Ambrósio diz que realmente não é justo impedir o amor puro dos dois. Carlos diz que, em agradecimento, cede metade da herança para Ambrósio, entregando a ele a certidão



de casamento como se fosse a cessão dos bens. Ambrósio finge não ligar para a doação, rasgando o papel, para orgulho de Florência.

Porém, logo após o casamento de Carlos e Emília surge o mestre dos noviços para novamente prender Carlos, enfurecido por ter sido enganado e levado uma mulher para o convento. Ambrósio pergunta sobre o que aconteceu com a mulher, levantando suspeitas de Florência. Ela pergunta quem é a tal mulher, e ele diz ser uma antiga namorada que ele abandonou pelo amor que sentia por Florência. É quando surge Rosa, vestida de frade, com a certidão de casamento. Ambrósio foge, lhe é dada voz de prisão por bigamia.

Depois disso, Florência passa dias trancada no quarto que era de Carlos. Planeja a prisão do marido e prepara uma carta para o convento explicando a situação, que será levada pelo criado José. Carlos foge novamente do convento e se esconde embaixo da cama onde está Florência, sem que ela perceba. O mestre dos noviços novamente surge atrás de Carlos, mas Florência lhe diz que liberou o rapaz da vida religiosa. Depois que o religioso vai embora, surge Ambrósio. Primeiro vestido de frade, ouve acusações de Florência, que não percebera a sua real identidade; depois, se revela e diz que a casa está trancada, e que ela deve lhe dar tudo o que tem ou será morta; José lhe fora fiel e facilitara seu plano.

Há uma confusão; Carlos e Ambrósio brigam, e Ambrósio escapa. Surgem homens para prender o ladrão disfarçado de frade - há uma confusão, e pensam que o ladrão era Carlos. Rosa aparece e conversa com Florência; as duas estão se lamentando por ter sido enganadas quando Ambrósio cai de dentro do armário onde estava escondido e é espancado pelas duas. Carlos aparece preso, mas Florência desfaz o mal-entendido. O mestre dos noviços volta com a carta liberatória de Carlos e, antes de ir embora, abençoa a união dele com Emília. Ambrósio é levado preso.

► Quem casa quer casa

É mais uma peça humorística de Martins Pena, dentro das características da obra do autor. Se baseia em um provérbio famoso e tem um único ato.

A trama se desenvolve a partir do casamento do casal de filhos de Dona Fabiana com os de Anselmo. Eles, no entanto, não se entendem e não param de brigar, enquanto o marido de Fabiana, um molengão, não faz nada. A briga chega à agressão física, até que Anselmo surge e resolve a situação e entrega as chaves de duas casas alugadas aos filhos.

REALISMO E NATURALISMO

ADOLFO CAMINHA

► A normalista

Publicado em 1893, *A Normalista* é o primeiro romance de Adolfo Caminha. Se adequa perfeitamente ao Determinismo, que afirma que o homem é produto do meio em que vive. Na época de seu lançamento, foi considerado uma obra "libidinosa".

Maria do Carmo é uma moça ingênua, de bom caráter, educada em uma casa de caridade e depois normalista em Fortaleza. É cortejada por Zuza, estudante de direito, endinheirado e bem relacionado com a elite local, por quem se apaixona - o que gera muita fofoca entre o povo da cidade. Enquanto isso, sofre com o assédio sexual de seu padrinho, João da Mata, em cuja casa vive. Confusa e levada por seus instintos, acaba cedendo ao padrinho, o que acaba gerando uma gravidez indesejada, o que aumenta os comentários sobre a vida da moça.

Porém, o bebê, que todos julgavam ser filho de Zuza, acaba morrendo no parto. O estudante, por sinal, nem chega a saber da gravidez, pois a abandona antes para concluir seus estudos em Recife. Depois do episódio, Maria torna-se uma pessoa mais segura de si - e a queda da Monarquia acaba fazendo com que o povo local passe a se ocupar de assuntos mais importantes.

► Bom crioulo

Para escrever *Bom-crioulo*, publicado em 1895, Adolfo Caminha utilizou-se de suas memórias na viagem de navio que fez aos Estados Unidos, em seu tempo servindo na Marinha. Como é do feitio do autor, trata de um tema polêmico, ainda mais naquela época: o homossexualismo. Tem em seu texto uma característica marcante do Realismo, movimento literário a que pertencia Caminha: a importância dada à descrição dos fatos, dos ambientes e dos personagens. A partir disso, também fica evidente o determinismo (o modo como os personagens são tratados como produtos do meio em que vivem).

Em um tempo em que a abolição da escravatura ainda não havia sido proclamada, Amaro é um negro que foge da vida de escravo para ingressar na Marinha. Por seus bons modos e caráter ingênuo, passa a ser conhecido como Bom-Crioulo.



Com o tempo, porém, o temperamento de Amaro vai se modificando, principalmente devido à cachaça. Em uma de suas viagens, Bom-Crioulo acaba se interessando por outro marinheiro, Aleixo, que se entrega à paixão homossexual. Em terra, os dois vivem em um quarto no sobrado de uma senhora portuguesa, Dona Carolina.

Bom-Crioulo, porém, é chamado para embarcar em outro navio, sendo obrigado a deixar seu amante em terra. Ele passa, então, a ser um sujeito totalmente revoltado, com saudades de Aleixo e ódio de seus superiores. Castigado com chibatadas, é internado em estado grave em um hospital.

Enquanto isso, Dona Carolina se interessa por Aleixo e os dois se tornam amantes. O boato chega até os ouvidos do Bom-Crioulo no hospital. Desgostoso, ele foge e vai à procura do antigo amante, terminando por matá-lo a navalhadas. Acaba sendo preso.

ALUÍZIO AZEVEDO

► A mortalha de Alzira

Aluísio Azevedo publicou *A Mortalha de Alzira* em 1891, sob o pseudoônimo Vitor Leal, em forma de folhetim no jornal Gazeta de Notícias. A obra foi lançada no ano seguinte em um único volume, alcançando a marca de mais de 10.000 cópias vendidas - um recorde na época. Trata-se do único livro do autor que se passa inteiramente fora do Brasil (na França) e trata, sob a ótica naturalista e determinista, da Igreja, seu clero e sua relação com a aristocracia.

Conta a história do Dr. Cobalt, médico que investiga o comportamento do padre Angelo, homem da Igreja que vive conflito interno devido à sua paixão pela cortesã Alzira.

Seguindo a ótica determinista de que o homem é produto do meio em que vive, os desvios de comportamento do padre são tratados como resultado de sua educação. Era muito comum para os realistas investigar cientificamente o resultado do meio sobre o comportamento humano, usando isso para criticar a injustiça de certas instituições - no caso, a Igreja. É considerado um livro inovador por retratar um homem como histérico, já que a grande maioria das obras fazia isso com personagens femininos.

► A condessa Vesper

A Condessa Vesper é um livro esquecido na grande obra de Aluísio Azevedo. Foi publicado em forma de folhetim no periódico Gazetinha e, quando transposto para livro, totalmente modificado - ganhando inclusive um bizarro capítulo 0.

É um romance que traz todos os defeitos da estrutura folhetinesca, mas tem o mérito de traçar um interessante painel da sociedade carioca da época. Com o detalhismo que era característico do autor e da tendência realista, retrata bem a linguagem das camadas mais pobres da população e a dinâmica das bases "podres" da sociedade imperial.

► Casa de pensão

Casa de Pensão foi baseado em uma história real de grande repercussão na época, a Questão Capistrano - crime que envolveu dois estudantes de modo muito parecido com o da narrativa de Aluísio Azevedo.

Amâncio é um jovem que vem do Maranhão para o Rio de Janeiro para estudar medicina, hospedando-se na casa de um conhecido da família. O modo de vida boêmio que adota, porém, o leva a desentendimentos na casa, o que faz com que se mude para uma pensão. O seu dono, João Coqueiro, lhe fora apresentado por seu grande amigo Paiva Rocha, que também viera do Maranhão.

Lá, ele se envolve com Amélia, irmã de João Coqueiro. Ele e sua mulher, Mme. Brizard, usam o caso para envolver Amâncio em uma série de tramas, explorando-o e lhe tirando dinheiro. Sufocado pelo ambiente asfíxiante e corrupto da pensão, Amâncio decide voltar para o Maranhão para ver a mãe, que acabara de se tornar viúva.

Suspeitando da viagem de Amâncio, João Coqueiro consegue a prisão do estudante sob a acusação de defloração. Depois de rumoroso julgamento, Amâncio é inocentado; inconformado com o veredito, João Coqueiro o mata com um tiro.

Em *O Mulato*, Aluísio Azevedo baseia a narrativa na história de um herói; em *O Cortiço*, a baseia na dinâmica de um ambiente. Pois *Casa de Pensão* coloca-se em um meio termo entre os dois, pois é o ambiente que impulsiona as ações do personagem. A construção dos personagens, como é comum no Realismo, segue a ótica determinista; o autor deixa bem explícito o modo como a educação de Amâncio forma o seu caráter, como podemos ver neste parágrafo: "... esses pequenos episódios de infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a diluição que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus discípulos. - E abominou-os. Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade do ressentimento, principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse."



► O cortiço

O Cortiço é considerado o grande romance naturalista brasileiro. Sua história não gira em torno de um herói, mas sim de toda uma sociedade que se forma no cortiço do título. Estão nele presentes de forma clara diversas características do Realismo-Naturalismo: o determinismo, com os homens sendo produtos do meio em que vivem; a crítica social, com a exploração do homem pelo homem; a zoomorfização, ou redução do homem ao nível de animal que age de acordo com seus instintos, que aparece em diversas figuras de linguagem e na supervalorização do sexo.

João Romão é um português ambicioso que consegue abrir um pequeno estabelecimento comercial. Ele junta-se então a uma escrava fugida, Bertoleza, sua vizinha, e com o seu dinheiro consegue aumentar sua propriedade. Começa, então, a alugar pequenas casas.

O negócio da certo, e os cubiculos vão se multiplicando, gerando o cortiço. Uma enorme variedade de tipos humanos passa a habitar o local, trabalhando na pedreira montada por João Romão e comprando em seu armazém. O único incomodado com o crescimento do cortiço é o também português Miranda, de classe mais elevada.

Entre os tipos que vivem no cortiço estão a Machona, lavadeira gritalhona, "cujos filhos não se pareciam uns com os outros"; Alexandre, mulato pernóstico; Pombinha, moça franzina que se desencaminha por influência das más companhias; Rita Baiana, mulata faceira que andava amigada na ocasião com Firmo, malandro valentão; Jerônimo e sua mulher, e outros mais.

Outro cortiço se forma na mesma rua, sendo apelidado de "Cabeça-de-Gato". Os moradores do Cabeça-de-Gato, por sua vez, apelidam os moradores do cortiço de "Carapicus". Há uma rivalidade entre os moradores dos dois cortiços, agravada pela disputa entre Jerônimo e Firmo por Rita Baiana - Firmo se mdua para o Cabeça-de-Gato. O conflito só acaba após um misterioso incêndio que destrói parte do cortiço de João Romão.

O português, porém, reconstrói o cortiço e o torna ainda mais próspero. O seu sonho passa a ser casar com uma moça de família para conseguir mais status, e seu alvo passa a ser a filha de Miranda, Zulmira. Após os acertos de interesse entre os dois patrícios, João Romão decide se livrar da antiga companheira Bertoleza, para abrir caminho para o casamento.

Para isso, ele entrega aos antigos donos da negra o seu paradeiro. Bertoleza, que acreditava ser livre graças a uma falsa carta de alforria dada há tempos por João Romão, rapidamente percebe a traição e se mata, com a mesma faca que usava para preparar as refeições do português.

► Filomena Borges

Filomena Borges é o quinto romance de Aluísio Azevedo. Nele, são muito importantes as descrições realistas do observado e o retrato do cotidiano da cidade - características sempre presentes nas obras realistas e naturalistas. Também é notável o grande número de palavras e expressões francesas - a literatura francesa era, na época, o principal modelo para os autores brasileiros.

Trata-se de um livro bem humorado e divertido, com situações hilariantes criadas pelo autor com o casal de protagonistas. Filomena é uma moça ambiciosa que pretende conseguir a ascensão social através do casamento. Seu marido Borges, porém, é um sujeito sem maiores pretensões, apesar de ter suas posses. Filomena busca, então, modificá-lo a qualquer custo, para torná-lo o seu marido ideal - ela chega a expulsá-lo do quarto na noite de núpcias.

Borges dedica-se, então, a cumprir todas as exigências e caprichos de sua esposa, que consegue finalmente modificá-lo - além de levá-lo á ruína financeira. Borges dedica toda a sua vida ao sentimento que tem pela esposa, mas nunca consegue o que realmente sempre quis: viver em paz ao lado de sua Filomena.

► Girândula de amores

Girândula de Amores é uma das obras mais inconstantes de Aluísio Azevedo. Com história banal e de fácil assimilação, mostra um autor preocupado em fazer um produto comercial - não custa lembrar que Aluísio Azevedo foi um dos primeiros escritores profissionais do Brasil, dependendo da literatura para sobreviver. O título original desta obra é *Mistérios da Tijuca* - o título definitivo foi adotado a partir da segunda edição do livro.

É a história de uma personagem acometida por uma nevrose muito característica das mulheres daquele tempo, a histeria - e muito comum particularmente nas personagens femininas das obras literárias daquela época. Foi o próprio Aluísio Azevedo que, em *A Mortalha de Alzira*, inovou ao retratá-la em um homem.

Por coincidência, era a histeria que um jovem médico alemão de ascendência judia pesquisava naquele momento, e sua elucidação seria ponto de partida para uma das principais correntes psicoterápicas e de conhecimento do século XX.



► Livro de uma sogra

Livro de uma Sogra é dos romances menos conhecidos de Aluísio Azevedo. De qualquer forma, estão presentes em sua narrativa elementos básicos do Realismo-Naturalismo, tais como a importância dada à descrição, o determinismo e a importância dada à natureza biológica do homem (o que fica muito claro nas descrições do gênero feitas pela sogra).

A narrativa em primeira pessoa mostra a história de Olímpia, a sogra em questão, que busca afastar da convivência o genro e a filha. O autor, então, mostra uma visão crítica da instituição do casamento, visto como simples "conquista social".

► O mulato

Publicado em 1881, *O Mulato* é considerado o romance inaugural do Naturalismo no Brasil. Acabou gerando para seu autor, Aluísio Azevedo, diversas inimizades em São Luís, devido à sua crítica feroz à sociedade preconceituosa da época.

Raimundo é orfão de pai e vive afastado da mãe, uma ex-escrava. Volta da Europa formado para viver com o seu tio e tutor, Manuel Pescada, e acaba se interessando por sua filha, Ana Rosa. A paixão é correspondida, mas tem obstáculos nas restrições impostas pela família da moça devido às origens negras do rapaz.

Um dos mais empenhados em afastar os dois é o Cônego Diogo, responsável pela morte do pai de Raimundo, que o flagrara em pleno ato sexual com sua esposa, a branca Quitéria. Raimundo, desiludido após obter a confirmação de que não poderia ficar com Ana Rosa por ser filho de uma negra, decide ir para o Rio de Janeiro; Ana Rosa, porém, pede que ele fique. Os dois terminam fazendo amor e, a moça, engravidando.

Os dois planejam a fuga, mas têm os planos frustrados por Diogo e Dias, um caixeiro de Manuel que queria a mão de Ana Rosa. Quando volta para sua casa, Raimundo é morto por um tiro de Dias. Ana Rosa, ao vê-lo morto, aborta. Anos depois, porém, ela aparece em uma recepção oficial, casada com Dias, preocupada com os três filhos que eles deixaram dormindo em casa.

É possível identificar vários elementos realistas na história, como a crítica social, o anticlericalismo, a luta contra o preconceito racial, o aspecto sexual (presente na natureza carnal do amor de Ana Rosa pelo mulato) e o triunfo do mal. Há ainda, porém, algumas características remanescentes do Romantismo, como a idealização do herói, a trama clichê do amor que não se realiza devido a tradições e preconceitos e a natureza "rocambolésca" da história.

ARTUR AZEVEDO

► O escravocrata

Escravocrata, escrito em conjunto por Artur Azevedo e pelo teatrólogo e jornalista baiano Urbano Duarte, é um bom exemplo de obra teatral anti-escravagista. Intitulado inicialmente *A Família Salazar*, não pode ser encenado, por ter sido reprovado pelo Conservatório Dramático Brasileiro. Os autores, então, o publicaram em volume, "a fim de que o público o julgue e pronuncie".

Ao lermos o livro, concluímos que a causa da proibição de sua montagem é a presença de uma sinhã traindo o marido com um negro, o que não era comum na época, e de uma revolta armada de escravos contra o patrão. Trata-se de um drama - ou melhor, de um dramalhão, com um acúmulo de situações escabrosas resolvidas de modo abrupto e insatisfatório, dando a impressão de que o livro foi terminado apressadamente. Isto, na verdade, é muito comum no teatro dramático brasileiro do século XIX; de fato, as melhores obras de nosso teatro no século retrasado estão na linha da comédia de costumes, de que o próprio Artur Azevedo mais tarde tornou-se mestre.

DOMINGOS OLÍMPIO

► Luzia-Homem

O romance *Luzia-Homem* foi a maior obra do escritor regionalista cearense Domingos Olímpio. Mantém duas características clássicas do Naturalismo por toda obra: o cientificismo na linguagem do narrador e o determinismo.

O romance se passa no interior do Ceará em 1878, período de uma grande seca. Luzia-Homem era uma retirante que ganhou este apelido pela enorme força física, que permitia que trabalhasse melhor do que muitos homens. Ela trabalha na construção de uma prisão, sendo desejada pelo soldado Capriúna, que não é correspondido.

Luzia mantém uma relação de amizade com Alexandre, até este lhe propôr o casamento. Só que ele é preso por roubar o armazém onde era guarda. Luzia passa então a visitá-lo sempre na prisão.

Depois de Luzia já ter parado de visitar Alexandre, Teresinha, sua amiga, descobre que este era inocente: quem testemunhara contra ele havia mentido e o verdadeiro culpado era Capriúna, que é preso.



Teresinha havia fugido da família com um amante que morreria meses depois. Depois da prisão de Capriúna, sua família reaparece e ela, humilhada, fica subserviente a seu pai. Luzia descobre isso e a convence a ir com ela para o litoral. Nisso, Capriúna foge da prisão e ataca Teresinha, a culpada por ter sido preso; Luzia intervém e é morta. Capriúna acaba caindo de um desfiladeiro.

JÚLIO RIBEIRO

► A carne

A *carne* foi o romance que fez conhecido Júlio Ribeiro. É uma obra polêmica, proibida por muitos anos graças ao seu apelo erótico, que muitas vezes descamba para a obscenidade. Lenita é uma jovem inteligente e cheia de vida, que recebeu instrução acima do normal de seu pai. Entretanto, quando perde seu pai, aos 22 anos, sua saúde torna-se frágil. Ela então decide mudar-se para a fazenda do coronel Barbosa, homem que criou o seu pai. Lá ela conhece Manuel Barbosa, filho do coronel, homem maduro que vive trancado em seu quarto com seus livros e viveu na Europa. Os dois iniciam uma amizade que vai se transformando em uma tórrida paixão, que os dois tentam evitar no início.

Os desejos da carne, entretanto, são mais fortes do que eles, e eles se envolvem em um caso marcado por encontros e desencontros, prazer e violência, desejo e sadismo. Lenita, entretanto, descobre cartas de outras mulheres guardadas por Manuel; sentindo-se traída, o abandona e casa com outro homem, estando grávida de três meses. Manuel não suporta tamanha traição e se mata.

MACHADO DE ASSIS

► O alienista

O *alienista* é um dos mais famosos contos de Machado de Assis. Nele, o escritor trata de maneira irônica e bem humorada do tema da loucura.

O Doutor Simão Bacamarte chega a Itaguaí e abre um hospício, a Casa Verde, onde pretende fazer seus estudos acerca da loucura. Contudo, para isso, ele precisa estabelecer critérios para diferenciar as pessoas normais dos loucos que devem ser internados. Qualquer desvio do comportamento médio começa a ser encarado como loucura. De início, o doutor recebe o apoio da população, mas este acaba quando começam a ser internadas pessoas em cuja loucura ninguém acredita. São internados os politicamente volúveis, os sem opiniões próprias, os mentirosos, os falastrões, os poetas que viviam escrevendo versos empolados, os vaidosos... O barbeiro Porfírio lidera uma rebelião contra o hospício, mas ela é sufocada.

De repente, para espanto geral, Bacamarte inverte os seus critérios: loucos agora eram os leais, os justos, os honestos. Para curá-los, o doutor faz desaparecer estas virtudes das pessoas, o que consegue com certa facilidade. Por fim, declara todos curados, liberta todo mundo e se tranca sozinho no hospício, convencido de ser o único insano. Acaba morrendo lá, meses depois.

► Apólogo: a agulha e a linha

"Apólogo" é a palavra que define uma alegoria onde as coisas e os bichos falam. Neste conto de Machado de Assis, é material de costura que discute em uma pequena história sobre a vaidade e a importância e o valor dados a diferentes funções.

Uma agulha discute com uma linha, reclamando que ela está muito cheia de si sem razão. Segundo ela, sua função era muito mais importante, já que era quem abria os caminhos. A linha responde que também os batedores do Imperador abrem o caminho para ele, e nem por isso são mais importantes que o Imperador.

A agulha insiste, dizendo que está sempre entre os dedos da costureira. Mas a linha retruca dizendo que, quando o trabalho acaba, a agulha volta para a caixa de costura, enquanto a linha vai ao baile no vestido. Depois deste comentário da linha, o alfinete conclui que está certo em não abrir caminho pra ninguém: onde o colocam, ele fica.

O conto termina com uma espécie de pequeno epílogo, que coloca a historinha no contexto da valorização do trabalho dos professores:

"Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!"

► O dicionário

O *dicionário* é um conto curto, em que Machado mostra como aqueles que estão no poder dispõem das leis de acordo com suas vontades e interesses.



Bernardino era um fabricante de tóneis que consegue conquistar a população e depor o rei, colocando-se em seu lugar. Para acalmar a oposição, lhes dá indenizações e títulos, e adota um nome mais pomposo para si no lugar do simples Bernardino.

Baixa decretos para controlar o visual do povo e estimulá-los a parecer-se com seu rei. Nomeia dois ministros letrados, Alfa e Omega, que logo descobrem nele uma vocação poética. Com a intenção de casar-se, ele escolhe a bela Estrelada. Ela, no entanto, já tem o seu amado e institui um torneio para escolher o seu companheiro. O rei entra no torneio e muda várias vezes a regra para poder vencer; como golpe final para conseguir a vitória, manda recolher todos os dicionários e institui um novo vocabulário.

► Dom casmurro

Dom Casmurro é uma das maiores obras de Machado de Assis - e da própria literatura brasileira. Trata-se de um romance muito estudado, com passagens famosas - como a imagem que o narrador utiliza para descrever os "olhos de ressaca" de Capitu - e que deixou uma das mais discutidas questões de nossa ficção: afinal, será que Capitu realmente traiu Bentinho?

Bentinho é o narrador do livro, que escreve suas memórias já em sua velhice, quando, fechado em suas dúvidas, é chamado de Casmurro. Ele fora preparado para ser padre, mas não gostava da idéia, assim como a mãe, que sofria com a idéia da separação. Assim, graças a uma trama de José Dias, agregado da família, um escravo é ordenado em seu lugar e ele deixa o seminário.

A esta altura, já namorava Capitu, a filha dos vizinhos. Os dois se casam, assim como Escobar, grande amigo de Bentinho dos tempos de seminário, e Sancha, amiga de Capitu. Do casamento de Bentinho e Capitu nasce Ezequiel.

Escobar morre, e Bentinho estranha a maneira como Capitu olha para o seu corpo durante o velório. Começa a sentir ciúmes da esposa e de seu falecido amigo, imaginando que tinham um caso; tal desconfiança é reforçada à medida que o tempo passa e Ezequiel cresce cada vez mais parecido com Escobar.

Bentinho chega a planejar matar a mulher e o filho e suicidar-se, mas não põe o plano em prática. O ciúme doentio, no entanto, acaba por separar o casal. Capitu viaja para a Europa levando Ezequiel e morre no exterior. Ezequiel ainda volta para visitar o pai, que confirma a sua semelhança com Escobar. Retorna para a Europa e morre. Bentinho termina a vida sozinho, com a certeza do caso entre sua esposa e seu melhor amigo - caso esse que Capitu nunca admitiu e nunca ficou provado.

Existem, realmente, evidências do caso dos dois, mas há outras que negam esta hipótese. De fato, o ciúme doentio que toma o narrador influencia a história, e o próprio autor admite que pode ser traído por suas lembranças.

A obra tem muito de metalinguagem, com o narrador se explicando para o leitor e comentando seu processo criativo. Já é uma obra da fase realista de Machado; as características Realistas estão presentes principalmente nas descrições funcionais dos personagens, sempre feitas a partir dos dotes físicos.

► O espelho

O espelho pertence já à segunda fase da obra de Machado de Assis, em que ele deixa os conceitos românticos de lado e dedica-se à análise psicológica de seus personagens, sempre de modo cínico e pessimista.

Em uma casa de Santa Teresa, quatro cavalheiros discutem questões transcendentais e metafísicas, acompanhados por um quinto, Jacobina, que mal se manifesta. Ele acreditava que a discussão é uma manifestação de agressividade.

Porém, desafiado pelos outros, resolve falar. Expõe então a sua teoria, de que os homens recebem ao nascer duas almas, uma interior e outra exterior. Para prová-la, conta o que aconteceu com ele depois de ter sido nomeado alferes no exército, e como a solidão e a carência social podem levar aos limites da insanidade. Por fim, ele consegue a solução para o seu caso analisando ao ver seu reflexo no espelho, concluindo ver ali a sua alma exterior, que o vigia.

► Esaú e Jacó

Esaú e Jacó é o penúltimo romance de Machado de Assis. Traz um dos grandes personagens criados pelo escritor: o Conselheiro Aires, que narra a história em terceira pessoa. O título vem de um texto da Bíblia, parte do livro do Gênesis, em que os irmãos Esaú e Jacó tornam-se inimigos por ter a sua mãe privilegiado Jacó. Os protagonistas desta história são os irmãos Pedro e Paulo; diferente da história da Bíblia, contudo, a inimizada destes dois é inexplicável.

O fato é que os dois eram o oposto um do outro: Pedro era dissimulado e conservador, Paulo era impulsivo e arrebatado. Quando adultos, divergem pela política; enquanto Pedro era monarquista, Paulo era republicano.



Os dois interessam-se pela mesma mulher, Flora, que não consegue decidir-se por um deles. Com a morte de Flora, os dois juram junto ao seu túmulo reconciliar-se.

Mas não conseguem cumprir a promessa. Os dois continuam discutindo, agora na tribuna, quando conseguem se eleger deputados. A reconciliação vem no final, junto ao leito de morte da mãe.

O narrador, Conselheiro Aires, reaparecerá como memorialista no romance seguinte de Machado, o seu último. É um velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas.

► Helena

Helena foi escrito por Machado de Assis durante a primeira fase de sua carreira, em que seguia a linha do Romantismo. Porém, mesmo nesta fase, o escritor dava maior atenção aos aspectos psicológicos dos personagens do que a maior parte dos escritores românticos. Helena estuda em um colégio interno em Botafogo e, de forma inesperada, consegue subir de posição social: quando morre o Conselheiro Vale, lê-se em seu testamento que ela era sua filha, fato que ele escondera até sua morte. Helena passa a viver com Úrsula, irmã do conselheiro, Estácio, agora meio-irmão, Dr. Camargo, amigo de Vale e médico da família, e Eugênia, filha do Dr. Camargo.

Com seu temperamento extrovertido, Helena conquista o afeto de Úrsula e Estácio e a paixão de Mendonça, amigo de Estácio. Seu próprio irmão, que é noivo de Eugênia, acaba se interessando pela moça. O padre Melchior começa então a desconfiar de seus constantes encontros com Salvador.

O mistério é desvendado: Salvador é, na verdade, o pai de Helena; o Conselheiro a arrebatara, encarregando-se de sua educação, ainda pequena. Mesmo agora podendo casar-se com Estácio, Helena não suporta os acontecimentos e, muito confusa, fica doente e morre.

► Histórias sem data

Não foi apenas nos romances que Machado de Assis se destacou em nossa literatura. Ele também escreveu peças de teatro e grandes contos - como os publicados em *Histórias sem data*.

A Igreja do Diabo fala do novo plano do Diabo: fundar uma Igreja e organizar seu rebanho, como Deus. Depois de avisar Deus, vai à Terra e funda com muito sucesso uma Igreja que idolatra os defeitos humanos. Mas aos poucos os homens vão secretamente exercitando virtudes - como faziam com os pecados. Furioso, o Diabo vai falar com Deus, que lhe explica que aquilo faz parte da eterna contradição humana.

Em *Anedota pecuniária*, um homem vendesuas sobrinhas aos homens que as amam. Trata-se de uma crítica à ganância.

Capítulo dos chapéus retrata a frivolidade e ostentação da época de Machado. Uma mulher pede ao marido que troque o seu simples chapéu. Depois de observar a sociedade na famosa rua do Ouvidor, acaba pedindo que ele permaneça com seu chapéu.

Fulano fala de um homem que vai se tornando mais público que privado após receber elogios públicos. Acaba deixando seu dinheiro para a posteridade e não para a família.

Galeria póstuma é uma crítica à hipocrisia, onde o sobrinho de um falecido lê em seu diário as suas verdadeiras opiniões sobre aqueles que o cercavam - incluindo o rapaz.

Em *Singular ocorrência*, um homem conta a um amigo sobre o caso extraconjugal de outro amigo. Ele relata que os dois eram apaixonados (ela deixou de ser prostituta por ele), mas ela, numa única vez, o traiu. Isto quase causou o rompimento e suicídio dela, mas eles por fim se reconciliam e vivem felizes até - que ele muda de província, morrendo antes de voltar.

Último Capítulo é o bilhete de um suicida. Sua vida sempre foi marcada pelas desgraças e pelo azar - ele literalmente caiu de costas e quebrou o nariz. Quando estava examinando os bens da esposa que morreu, encontrou cartas de amor de seu sócio. Decidiu matar-se e escrever em seu testamento que deveriam ser comprados sapatos e distribuídos, pois vira um homem ainda mais pobre coitado que ele feliz, contemplando seus calçados.

► Iaiá Garcia

Em *Iaiá Garcia*, já começam a despontar as qualidades que tornariam Machado de Assis o maior escritor de nossa literatura - que apareceriam definitivamente a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, seu romance seguinte. Já aparecem o estilo fino, o senso de humor, a recriação de ambientes, a caracterização precisa de personagens.

Luís Garcia é um viúvo e solitário funcionário público, cuja única alegria é a filha Iaiá - menina de onze anos que estuda em um colégio interno, voltando pra casa no fim-de-semana. Valéria é uma amiga de Luís Garcia, também viúva, cujo filho Jorge é apaixonado pela filha de um ex-empregado de seu pai, Estela. Como não aprova o relacionamento, Valéria o obriga a servir na Guerra do Paraguai, e Estela, que era amiga de Iaiá, acaba casando-se com Luís Garcia.



Jorge retorna já com a mãe morta e tem um verdadeiro choque ao saber do casamento de Luis e Estela. A história prossegue com vários encontros e desencontros até a morte de Luís Garcia. No final, Jorge casa-se com Iaiá Garcia.

► Memorial de Aires

Memorial de Aires é considerado o livro em que mais se reflete a vida e a personalidade de Machado de Assis. Última obra do autor, escrita após a morte de sua esposa Carolina, tem um tom melancólico, personagens simples e bondosos e uma visão triste da velhice e da solidão.

Trata-se do livro de memórias do Conselheiro Aires, personagem que surgira como narrador do livro anterior de Machado, *Esaú e Jacó*. Não possui propriamente um enredo, sendo apenas um relato da sua vida de diplomata aposentado no Rio de Janeiro, com vários relatos.

Dando certa unidade a estes relatos, ganha destaque a história de Tristão e Fidélia. Fidélia é uma espécie de filha postiça de Dona Carmo e Aguiar, que também são padrinhos de Tristão. Este mudou-se para a Europa ainda menino; de volta ao Brasil, faz a alegria dos padrinhos e se apaixona por Fidélia. Os dois se casam e mudam-se para a Europa, deixando solitários Dona Carmo e Aguiar.

► Memórias póstumas de Brás Cubas

Memórias póstumas de Brás Cubas é a primeira obra da fase realista de Machado de Assis, quando o escritor alcançou a sua maturidade artística. Representa uma verdadeira revolução, tanto formal quanto de idéias.

O livro é uma autobiografia de Brás Cubas, escrita após a sua morte. Esta sua condição de morto lhe permite enxergar a sua vida de outra forma, analisando a todos os que o cercavam e a si mesmo de maneira cínica, irônica e desencantada. A narrativa não é linear, com os fatos sendo narrados à medida que vêm à cabeça do autor.

Na juventude, Cubas apaixonou-se e teve um caso com a prostituta de luxo Marcela, que quase consumiu toda a fortuna de sua família. Para curá-lo dessa paixão, seus pais o enviam à Europa, de onde volta doutor às vésperas da morte da mãe. Tem um namoro com Eugênia, uma moça pobre, bonita e com uma perna defeituosa, até que se interessa por Virgília, cujo pai pode lhe ajudar na carreira política que pretende seguir. Cubas, no entanto, a perde para Lobo Neves, que também quer seguir carreira política e é mais determinado.

Mais tarde, Brás Cubas e Virgília tornam-se amantes, e Virgília engravida dele. Ela, porém, perde o bebê, e os amantes se separam. Sua irmã lhe arranja uma noiva, Nha Loló, mas ela morre de uma epidemia. Ele reencontra um velho amigo de infância, Quincas Borba, que se diz filósofo. Arrasado financeiramente, em seu primeiro encontro Quincas rouba o relógio de Brás Cubas. Mais tarde, depois de receber uma herança, ele lhe restitui o relógio.

Entediado, sem objetivo na vida, Brás volta a tentar a política, sem nada conseguir. Procurando ficar famoso, tenta criar um remédio, o Emplastro Brás Cuba; só que, enquanto saía para cuidar de seu projeto, pega uma chuva que lhe causa uma pneumonia, da qual vem a falecer. Ao seu lado, alguns familiares e a antiga amante Virgília. É nesta obra que surgem as mais marcantes características da segunda fase de Machado: a ruptura com a narrativa linear, a metalinguagem, a construção de personagens baseada em arquétipos, o pessimismo, a ironia e o humor negro.

► Missa do galo

O conto *Missa do Galo* foi publicado originalmente no livro *Páginas avulsas*, de contos já da segunda fase da obra machadiana. É a fase realista do escritor, na qual ele se detém mais na análise psicológica de seus personagens.

O conto trata de uma conversa entre uma senhora de 30 anos e um rapaz de 17, que tenta manter-se acordado para poder acordar seu amigo e ir para a Missa do Galo. O rapaz sente pena da senhora, resignada com as traições de seu marido.

Admirado com a senhora, o rapaz se distrai e perde a hora. Acaba sendo chamado pelo amigo que deveria acordar, depois de meia-noite. Ele vai com o amigo e nunca mais tem uma conversa profunda com aquela senhora.

► Papéis avulsos

Papéis avulsos reúne contos de Machado de Assis, já em sua fase realista. Entre eles, está *O alienista*, um dos mais famosos do escritor.

O alienista conta a história do Doutor Simão Bacamarte, que abre um hospício em Itaguaí para fazer seus estudos sobre a loucura. Ele tem problemas em definir quem é louco ou não, e começa a internar pessoas consideradas normais por todos, apenas por pequenas falhas. No final, decide que os corretos e justos é



que são loucos, os interna e elimina essas suas qualidades; termina trancando-se sozinho em seu hospício, considerando-se o único louco da cidade.

Além de *O alienista*, *Papéis avulsos* inclui também *A sereníssima república*, *O caso da vara*, *O espelho*, *Teoria do medalhão* e *Um homem célebre*.

A sereníssima república é uma crítica ao sistema eleitoral. Um cônego discursa, dizendo ter encontrado uma espécie de aranha falante e organizado uma sociedade de aranhas, chamada de Sereníssima República. Ele tenta organizar a eleição entre elas, mas mesmo com várias mudanças no sistema eleitoral as aranhas continuam fraudando o processo.

O caso da vara fala sobre Damião, um jovem seminarista que foge do seminário e refugia-se na casa de Sinhá Rita. Enquanto esperam que o pai e o padrinho de Damião o retirem do seminário, Damião protege uma escrava, que será punida com uma vara caso não termine o trabalho a tempo. Quando o padrinho de Damião diz que precisa de tempo, Sinhá Rita diz que agora o caso é com ela. Quando vai seguir punir aquela escrava, João lhe alcança a vara, pensando no quanto precisa sair do seminário.

O espelho conta sobre um homem falando a seus amigos, que tinham discussões metafísicas, sobre sua teoria de que o homem tem uma alma interior e outra exterior. Ele conta que, quando foi promovido a alferes, encontrou-se sozinho. Passa a ter medo até que um dia veste-se com seu uniforme de alferes e encara o espelho, encontrando o outro lado de sua alma.

Teoria do medalhão ironiza sobre os valores da sociedade da época. Mostra um pai aconselhando um filho que completa 21 anos. Ele diz que pode ter várias carreiras diferentes, mas que devia ter uma de reserva - de preferência a de medalhão, que não exige conhecimento, originalidade, ironia, gosto ou qualquer idéia própria.

Um homem célebre é sobre Pestana, um compositor que não consegue compor uma obra clássica, apenas polcas. Pensa que conseguirá depois de casado, mas não. Quando a esposa morre tenta escrever um réquiem, mas não consegue e volta a trabalhar dois anos depois por necessidade. Quando morre entrega as duas últimas polcas ao escritor, sem nunca ter escrito uma obra clássica como a dos compositores que admirava.

► Quincas Borba

Quincas Borba retoma um dos personagens de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Machado continua dentro da linha proposta nesta obra anterior, dedicando-se à análise psicológica dos personagens e fazendo vários exercícios de metalinguagem - o narrador intervém no texto, tece considerações e discute com o leitor sobre os personagens ou os rumos da história.

Quincas Borba era um filósofo que enriquecera graças a uma herança (como é narrado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no qual era amigo do protagonista). Criou a filosofia chamada "Humanitismo", que afirma que a vida é uma disputa em que quem vence é sempre o mais forte.

Quincas Borba, que na época vivia em Barbacena, morre e deixa sua herança para seu amigo e enfermeiro particular, Rubião, com a condição de sempre cuidar de seu cachorro, também chamado Quincas Borba. Animado com a nova condição financeira, Rubião parte para o Rio de Janeiro. Conhece durante a viagem o casal Palha e Sofia; atraído por Sofia, ele passa a frequentar a casa dos dois.

Palha passa a administrar a fortuna de Rubião, tirando parte dos lucros. Rubião continua interessado em Sofia, mas nada consegue com ela - que lhe encoraja, mas mantém distância. Torna-se alvo fácil para diversos oportunistas, que tiram vantagem de sua ingenuidade.

Aos poucos, Rubião começa a ficar louco - como acontecera com Quincas Borba. Tem um final trágico, maluco e explorado até ficar na miséria, enquanto Palha e Sofia continuam ricos - confirmando a teoria do Humanitismo.

► Relíquias da Casa Velha

Relíquias da Casa Velha reúne contos de Machado de Assis, que destacou-se não só nesta forma de texto como em seus romances e peças.

O livro inclui *Marcha fúnebre* e *Pai contra mãe*. Em *Marcha fúnebre*, um inimigo político do deputado Cordovil, que estava doente, morre. Isto leva o deputado a refletir sobre a morte, durante o caminho de volta do Cassino até sua casa. Nesta história, Machado de Assis mostra todo o seu pessimismo e ironia.

Pai contra mãe mostra o drama do caçador de escravos fugitivos Candinho - que está neste emprego apenas por não suportar nenhum outro. Sua situação financeira está difícil, e só piora quando a sua esposa fica grávida. Depois de muito resistir às pressões da tia de sua esposa, vai deixar seu filho recém-nascido na Roda dos Enjeitados; no caminho, porém, captura uma escrava e, com o dinheiro, decide manter a criança. A escrava, porém, estava grávida e, com o castigo que receberia ao retornar ao seu dono, provavelmente perderia a criança - ficou a vida do filho de Candinho em troca da do bebê da escrava.

► Ressurreição



Ressurreição é um dos livros mais desprezíveis de Machado de Assis, como o próprio autor faz questão de deixar claro em sua apresentação: "não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobretudo se o operário tem jeito para ela."

É a história de Félix, sujeito instável emocionalmente que tem acessos de ciúmes da viúva Lívia. Ela, não suportando mais a situação, decide separar-se dele definitivamente.

► Várias Histórias

Várias histórias reúne mais uma amostra da excelente produção de contos de Machado de Assis. Entre eles, estão os conhecidos *A cartomante* e *Noite de almirante*.

A cartomante é a história do triângulo amoroso formado pelo casal Vilela e Rita e Camilo, melhor amigo de Vilela e amante de Rita. Camilo começa a receber bilhetes anônimos e, preocupado, diminui a frequência das visitas à amante. Esta visita uma cartomante, o que faz Camilo rir, embora ela lhe diga que a mulher não é uma farsante. Um dia, Vilela convida Camilo a ir à sua casa; ele fica preocupado e, no caminho, achando que não tem nada a perder, pára para uma visita à cartomante. Ela é muito convincente e lhe garante que nada irá acontecer, o que o tranquiliza. Porém, quando ele chega na casa do amigo, encontra a amante morta e é assassinado.

A causa secreta fala de dois homens que tornam-se sócios depois que um salva a vida do outro. Pouco a pouco um deles, Fortunato, vai demonstrando tendências sádicas, torturando animais, o que atordoa a esposa. Quando ela morre, Fortunato vê o amigo beijar a testa da mulher e chorar, saboreando a dor do amigo que lhe traía.

D. Paula conta sobre um casal que se separa temporariamente por ciúmes do marido, que sabe de um caso da esposa. A situação é mediada por Dona Paula, tia da esposa. Quando ela descobre quem é o amante de sua sobrinha, fica abalada: é o filho de um homem com quem teve um caso parecido, o que a deixa abalada.

Noite de almirante é sobre Deolindo, um jovem marinheiro que fez uma viagem longa, na qual manteve-se fiel à namorada. Quando retorna, a encontra com um novo homem; conversa com ela, dá-lhe um presente e sai desesperado, pensando em suicídio, que acaba não cometendo. Fica então com vergonha de admitir aos amigos a verdade e mente, dizendo que passou uma noite de almirante.

Em *O enfermeiro*, um homem à beira da morte conta um caso de seu passado. Ele foi enfermeiro de um coronel velho e mau, que acaba esganando alguns dias antes de partir por não mais o suportar. Só que o testamento do coronel o declara seu herdeiro universal. Sentindo-se culpado, distribui lentamente o dinheiro em esmolas. Com o tempo, vai se convencendo de sua inocência - já que todos odiavam o velho e, com o dinheiro que ganhou, só fez boas ações.

MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA

► Dona Guidinha do poço

Dona Guidinha do Poço foi a única obra importante do escritor realista Manuel de Oliveira Paiva, que morreu prematuramente aos 31 anos. Foi redescoberto e editado 60 anos após a sua morte.

A protagonista é Margarida Reginaldo de Oliveira Barros, mulher poderosa, dona de fazendas, grande rebanho de gado e muitos escravos. Ela se envolve com um sobrinho de seu marido, um soldado elegante e vaidoso que se refugiara em sua casa por ser acusado de um assassinato.

O marido de Dona Guidinha desconfia da relação da esposa com seu sobrinho e decide entregá-lo à polícia. Para vingá-lo, Dona Guidinha contrata um assassino para matar o marido. Acaba sendo presa pelo crime e levada para a cadeia, sob vaias da população.

É uma obra de profundidade psicológica e sociológica. Une poesia, reflexão e senso de humor. Utiliza-se do falar regional nordestino, das tradições orais e das narrativas dos contadores de história.

RAUL POMPEIA

► O ateneu

O ateneu é um dos mais conhecidos livros de Raul Pompéia. Há características de diversos movimentos literários, ficando difícil classificá-lo dentro de apenas uma corrente. Trata-se de uma baseada na experiência do próprio autor que, como o protagonista, estudou em um colégio interno - o Colégio Abílio, famoso em sua época.

O livro é narrado por Sérgio, já adulto, que relembra a sua fase no Colégio Ateneu, um internato para rapazes. Não há propriamente um enredo, mas sim uma sucessão de episódios em que conhecemos o ambiente do internato, que serve como uma redução em escala da visão que o autor tinha da sociedade.

O diretor do Ateneu era Aristarco, homem autoritário e vaidoso, que tratava os alunos de acordo com a classe social de seus pais. Em certo momento, um dos alunos morre, deixando todos no colégio em pânico.



- mas Aristarco nem se abala, pois estava ocupado com a festa de inauguração de seu próprio busto. Chega a um ponto em que arranca da estátua a coroa que ela tinha em sua cabeça, em uma ação que parece ser de humildade, mas se revela de ciúme doentio: o problema é que a estátua estava coroada e ele não.

A esposa de Aristarco era Ema, uma bela mulher de 30 anos. Os alunos, em plena descoberta da sexualidade, a viam como um misto de mãe e mulher sensual. Sérgio sente-se muito ligado a ela, especialmente depois que ela cuida dele quando estava doente, fazendo-lhe carinhos.

A outra presença feminina é a de Ângela, uma empregada bonita que serve a uma classe mais elevada, tanto no trabalho como sexualmente. É ela quem apresenta o amor a Sérgio. Acaba, na verdade, sendo retratada como o símbolo do mal.

Entre os colegas de Sérgio, estão Rebelo, o aluno modelo; Franco, a imagem da insegurança e do fracasso; Sanches, seu protetor e iniciador na sexualidade; e Egbert, um amigo sincero que o ajuda a enfrentar os problemas.

No início, Sérgio tem dificuldades de adaptar-se a um mundo novo, que em nada se parecia com o que ele imaginava, a partir de seu diretor. Aos poucos, porém, com a convivência, vai sentindo-se mais seguro, o que fica claro depois que volta das férias escolares para um segundo período de aulas. No final, um aluno que havia fugido, Américo, retorna e causa um incêndio, acabando com o colégio enquanto Aristarco assiste à destruição da obra de toda a sua vida.

Podemos observar no livro características expressionistas, na descrição que o autor faz de pessoas e lugares; impressionistas, pelo modo como as memórias são contadas de modo extremamente subjetivo; românticas, pela valorização da infância em detrimento da maturidade; realista-naturalista, pelo retrato que faz da sociedade e seus valores, pela visão pessimista da vida; e pré-modernistas, quando retrata uma elite parasitária, dependente e colonizada.

VISCONDE DE TAUNAY

► Inocência

Inocência pode ser considerada a obra-prima do romance regionalista dentro do nosso Romantismo. Seu autor, o Visconde de Taunay, soube usar o conhecimento que tinha de nosso país, através de suas viagens em missões militares. É também considerada uma obra de transição para o Naturalismo, por seus traços deterministas.

A trama se desenvolve em torno de Inocência, moça de 18 anos que vive com o seu rígido pai, Sr. Pereira, em sua fazenda. Ela é prometida a Manecão, um homem rude do sertão. Um dia, ela pega uma febre e só é curada pelos cuidados do Dr. Cirino - homem que, na verdade, não era médico, mas vagava pelo sertão curando as pessoas.

Cirino e Inocência apaixonam-se e passam a se encontrar escondidos. Enquanto isso, o Sr. Pereira volta suas desconfianças para o Dr. Meyer, um alemão que viera procurar novas espécies de insetos para levar para os museus de sua terra.

Inocência se recusava a viver com Manecão, sendo maltratada pelo pai por causa disso. Sr. Pereira chega a ameaçar de morte o alemão, que zomba das ameaças e se sente extremamente ofendido. Nisso, Tico, um mudo que servia como espécie de "guarda" de Inocência, conta a Pereira sobre ela e Cirino.

Manecão passa a seguir Cirino até que, um dia, o mata - quando ele procurava o mineiro Antônio Cesário, padrinho de Inocência, para que esse os ajudasse. Morrendo, Cirino pede a Cesário que não permita o casamento de Inocência e Cirino.

Em 1863, vemos o Dr. Meyer apresentando aos entomologistas do mundo uma até então desconhecida espécie de borboleta que encontrara no Nordeste brasileiro. Deu a ela o nome de *Papilio innocentia*, em homenagem à beleza de Inocência - neste dia, faziam dois anos que a moça morrera.

SIMBOLISMO

JORGE DE LIMA

► Invenção de Orfeu

"Eu pretendi com este livro, que é um poema só, único, dividido em 10 cantos, fazer a modernização da epopéia. Uma epopéia moderna não teria mais um conteúdo novelesco- Não dependeria mais de uma história geográfica, nem, dos modelos, clássicos da epopéia. Verifiquei, depois da obra pronta e escrita, que quase inconscientemente, devido à minha entrega completa ao poema, que não só o Tempo como o Espaço estavam ausentes deste meu longo poema e que eu tinha assentado as suas fundações nas tradições gratas a uma epopéia brasileira, principalmente, as tradições remotamente lusas e camonianas."



É assim que, na introdução de *Invenção de Orfeu*, o poeta Jorge de Lima explica as suas intenções. O poema é uma bizarra paródia de *Os Lusíadas*, de Camões, em que propõe uma odisséia do homem para Deus, em busca da plenitude espiritual. Utiliza-se de alguns temas recorrentes: a viagem, o descobrimento da ilha, a profundidade da vida e o instinto, os círculos do Inferno e do Paraíso, Orfeu, a Musa.

O autor usa com segurança uma grande variedade de formas fixas, inclusive várias de difícil elaboração: oitavas clássicas, tercetos, sextinas etc. Com isto e o jogo com elementos bíblicos e da cultura negra e regional, ele faz uma certa "barroquização" da estética surrealista.

PRÉ MODERNISMO

GRAÇA ARANHA

► Canã

Em *Canaã*, Graça Aranha discute o destino histórico do Brasil e a influência da colonização e da miscigenação das raças em nosso país.

Esta discussão se reflete nas discussões de dois imigrantes alemães que se estabelecem no Espírito Santo. Lentz acredita que o Brasil está fadado ao atraso pela enorme presença de mestiços, para ele mais fracos. Vemos em suas idéias as teorias de Darwin e de Nietzsche, além da defesa do imperialismo. Ele acredita que, para renovar o Brasil, é preciso povoá-lo de pessoas da raça ariana, pura e superior.

Já Milkau prega a integração de todas as raças à natureza-mãe, de forma harmoniosa. Seu humanismo sai da teoria para a prática quando defende Maria, moça expulsa pelos patrões quando estes a descobrem grávida. Ele a livra da prisão a que foi condenada por ter morto seu filho (na verdade devorado por uma vara de porcos) e foge com ela em busca de Canã, a terra prometida.

LIMA BARRETO

► Os bruzundangas

Os bruzundangas é mais um veículo para a pena afiada de Lima Barreto, que nunca deixou de mostrar o seu lado crítico quanto à cultura, a política e a sociedade brasileira de sua época. Aqui, Lima faz caricaturas de diversos personagens da vida política da época, como o Barão do Rio Branco e Venceslau Brás.

Trata-se de um diário de viagem de um brasileiro a Bruzundanga, um país incrivelmente parecido com o Brasil do início do século XX - e, na verdade, com o Brasil de hoje em dia. Em Bruzundanga, existe grande preconceito contra os javaneses e uma economia confusa que exaure as riquezas do país, controlada pelos produtores rurais da província de Kaphet.

A elite tem uma estranha obsessão por títulos de nobreza e de doutor, mesmo não sendo nada nobres ou letrados. O presidente e os ministros, chamados de "mandachugas", são eleitos por um processo democrático corrupto; a Constituição tem um dispositivo que diz que se certa lei não for conveniente em uma situação, ela não é válida. Também sobram críticas à literatura vazia do país, ao seu exército e à sua política internacional.

► Clara dos anjos

Clara dos Anjos é mais um dos impecáveis retratos da sociedade suburbana do Rio de Janeiro traçados por Lima Barreto. Com uma narrativa leve e de linguagem simples, o escritor colocava em muitos de seus personagens, em especial os negros e mestiços, as suas próprias experiências.

O livro conta a história de Clara dos Anjos, moça pobre do subúrbio, que é seduzida por Cassi Jones. Este é um malandro incorrigível, de origem burguesa, que passava seu tempo tocando violão, seduzindo mulheres e apostando em brigas de galo. Saía sempre impune de seus erros por subornar a polícia e por ser acobertado pela família.

No segundo volume desta obra, que foi publicada em 1948 - ou seja, 26 anos após a morte de seu autor - está um de seus mais famosos contos, *O homem que sabia javanês*. Nele, Castelo, o narrador, conta entre uma cerveja e outra como tornou-se um falso professor de javanês e, mais tarde, um respeitável conferencista, autor de livros e diplomata. Trata-se de uma crítica à vocação do povo brasileiro para a improvisação e o oportunismo.

► Recordações do escrivão Isaías Caminhas

Recordações do escrivão Isaías Caminha é o primeiro romance de Lima Barreto. Aqui, ele já mostra o seu forte lado crítico, incentivado pela vida humilde e triste que levava.

Isaías Caminha era um jovem pobre do interior, que muito admirava seu pai pela cultura. Decide partir para o Rio de Janeiro, com o intuito de estudar e tornar-se doutor. Vai para a capital com uma carta de



recomendação, conseguida com a ajuda de seu tio Valentim, do grande coronel local para um deputado, Doutor Castro.

Estabelece-se em um hotel e conhece o Senhor Laje da Silva, padeiro que lhe apresenta a Ivã Rostóloff, romeno que trabalha como jornalista de O Globo. Procura então o Doutor Castro e decepçiona-se ao descobrir a total falta de qualidades do homem para exercer tão importante função. Ele não dá muita atenção ao jovem Isaías, que revolta-se. Ao retornar ao hotel, é acusado de um roubo pelo simples fato de ser mulato e vai parar na cadeia.

Ao ser libertado, chega a passar fome até encontrar-se por acaso com Rostóloff, que consegue para ele um emprego de contínuo no jornal. Lá, ele fica impressionado com a falta de conhecimento dos jornalistas, que são por todos na rua admirados, e em como o editor, Ricardo Loberant, só interessa-se em aumentar as vendas do jornal.

Os dois que são considerados os maiores intelectuais do jornal, o revisor Lobo e o crítico de arte Frederico Lourenço do Couto, conhecido como Floc, são retratados da maneira mais cruel. Lobo, obcecado pelo purismo na língua, acaba internado em um hospício, mudo, pois o medo de falar errado o calou para sempre. Lobo, que normalmente escrevia suas críticas baseado apenas nas recomendações que recebia e nos títulos que os artistas possuíam, suicida-se ao não conseguir escrever, por total falta de idéias, um artigo sobre um recital de música.

Caminha um dia flagra, em um momento em que a redação do jornal está praticamente vazia, o editor Loberant e o redator-chefe Aires D'Ávila em uma sessão de orgia. A partir daí, ele passa a ser mais bem tratado por Loberant, que torna-se seu amigo e o promove a repórter.

No fim, Isaías se dá conta de que deixara para trás todos os seus ideais e que agora dedica-se a bajular o chefe para conseguir mais dinheiro. Lamenta-se por não ter se dedicado ao estudo como deveria.

► Triste fim de Policarpo Quaresma

Triste fim de Policarpo Quaresma é o mais famoso romance de Lima Barreto. Nele, o autor faz uma crítica ao nacionalismo exacerbado que caracterizou muitos de nossos escritores românticos.

O livro conta a história do Major Policarpo Quaresma, homem que nutria um puro e ingênuo amor pela Pátria. Estuda nosso folclore, nossa música e os costumes dos índios, interessando-se e louvando tudo o que é genuinamente brasileiro. Chega a propor a adoção do tupi como idioma nacional - pelo que chega a ser internado em um hospício.

Na primeira parte, somos apresentados ao protagonista e aos seus ideais. Depois da passagem pelo hospício, Policarpo, um funcionário público exemplar, passa um ofício em tupi ao Ministério do Exército, o que lhe vale suspensão no serviço. Decepçionado e ridicularizado, ele enlouquece e é novamente internado. Cuidam dele Ricardo Coração-dos-Outros e sua filha Olga, afilhada de Quaresma. Esta fica noiva de um doutorando em medicina, Armando Borges. Ricardo e Olga conseguem a aposentadoria de Policarpo.

Na segunda parte, Policarpo segue uma sugestão de Olga e compra o sítio do Sossego, para onde se muda. Pretende continuar lá os seus sonhos patrióticos, agora através da agricultura. Compra equipamentos, lê sobre o assunto e começa a tentar produzir, acreditando que esta é a solução para o país. Contudo, sofre com várias dificuldades: as perseguições políticas e a miséria do interior, a exploração dos produtores pelos atravessadores, pragas como a das saúvas. Olga, que se casara com Armando Borges, o visita e fica impressionada com a pobreza do lugar.

Ao mesmo tempo, explode no Rio a Revolta da Armada. Policarpo Quaresma se anima, acreditando que o Marechal Floriano, líder do movimento, pode proporcionar o governo forte que o país precisa. Volta então para o Rio, para apoiar o presidente.

Na terceira parte, Policarpo se alista nas tropas de Floriano e por ele é recebido. O marechal é descrito como um homem cheio de falhas, com uma idéia equivocada de como governar. Quaresma lhe entrega um relatório dos problemas que encontrou em nossa agricultura, mas ele dá pouca importância.

Quaresma estuda com afinco táticas militares, enquanto outros oficiais apenas desfrutam de regalias. Aos poucos, percebe as falhas de Floriano, decepçiona-se com a sua repressão violenta e se dá conta de que ele nunca realizará as reformas com que sonha. É ferido, assim como Ricardo Coração-dos-Outros, no campo de batalha. Toma horror da guerra e, quando vê prisioneiros sendo sorteados para morrer, escreve ao presidente protestando - e acaba preso.

Ricardo Coração-dos-Outros e Olga tentam libertá-lo, mas não conseguem. Na masmorra, Policarpo Quaresma espera pela morte e percebe todos os seus enganos e como os seus ideais vinham apenas de ilusões.



► Jeca tatu

Jeca Tatu foi o modo com que Monteiro Lobato retratou o caipira, em especial o do Vale do Paraíba. Como fazendeiro e promotor público naquela região, o escritor conheceu bem estas cidades e como elas ficaram com a decadência do café: casas de tapera, ruas mal iluminadas, políticos corruptos, patriotadas, ignorância e miséria.

São contos com intenções moralizantes, contados com bom humor e que sempre terminam de maneira trágica, chocante ou deprimente. Sua intenção é retratar o marasmo e a indolência reinantes, povoando as histórias de cretinos, idiotas e aleijados.

► Negrinha

Publicado em 1920, *Negrinha* continha originalmente os contos *Negrinha*, *Fitas da Vida*, *O Drama da Geada*, *O Bugio Moqueado*, *O Jardineiro Timóteo* e *O Colocador de pronomes*. A partir da segunda edição, foram sendo acrescentados novos contos até chegar ao número definitivo de 22.

Lobato faz crítica irreverente à sociedade brasileira, propondo com um tom até didático mudanças nas ultrapassadas instituições da República Velha. Incorpora em sua linguagem muitas das características do movimento modernista, como o ritmo narrativo de corte moderno (frases curtas, nominais, telegráficas).

São cinco os contos mais representativos no livro: *Negrinha*, *O Bugio Moqueado*, *O jardineiro Timóteo*, *O Colocador de pronomes* e *Uma história de mil anos*. A história que dá título ao livro é anrada em terceira pessoa e tem forte carga dramática. Negrinha era filha de uma escrava, órfã de pai, que teve infância muito difícil, sofrendo nas mãos de Dona Inácia, a viúva que era patroa de sua mãe. Tem um breve período de alegria quando visitam a casa as sobrinhas de Dona Inácia e lhe é permitido brincar com elas e seus brinquedos. Quando elas vão embora, a vida volta ao normal; Negrinha não suporta e morre, de repente.

► Negrinha

Urupês

Urupês é basicamente uma série de 14 textos, tendo como ênfase a vida quotidiana e mundana do caboclo, através de seus costumes, crenças e tradições. O que dá título ao livro é o último, e um dos mais importantes de Monteiro Lobato: é nele que o escritor criou o personagem Jeca Tatu, que representa a ignorância e o atraso do homem do campo.

Em *Os fareiros*, dois homens conversam sobre faróis, e um deles conta sobre a tragédia do Farol dos Albatrozes, onde passou um tempo com Gerebita. Gerebita tinha um companheiro, chamado Cabrea, que ele dizia que era louco e que acabou morrendo em uma briga entre os dois. Gerebita dizia ter sido atacado pela loucura de Cabrea, agindo em legítima defesa. O narrador descobre mais tarde que o motivo da era Maria Rita, mulher que Cabrea roubara de Gerebita.

O engraçado arrependido fala de Pontes, um grande comediante que resolve se tornar um homem sério. As pessoas, achando que era mais uma piada, negavam-lhe emprego. Ele recorre a um primo de influência no governo, que lhe promete o posto de coletor federal; o titular, major Bentes, tinha problemas cardíacos e não duraria muito tempo. A solução era matá-lo mais rápido. Para isso, ele aproximou-se do major e, contando piadas, conseguiu o objetivo. Foi inútil: Pontes esqueceu de avisar o primo da morte e o governo escolheu outra pessoa para o cargo.

Em *A colcha de retalhos*, um sujeito - que narra o conto - vai ao sítio de Zé Alvorada para contratar seus serviços. Enquanto Zé não chega, o narrador trata com a mulher, Sinhá Ana, sua filha de quatorze anos, Pingo d'Água, e a avó, Sinhá Joaquina. Joaquina fazia uma colcha de retalhos com pedacinhos de cada vestido que Pingo d'Água vestiu desde pequena; o último pedaço seria do vestido de noiva. Dois anos depois, o narrador sabe da morte de Sinhá Ana e da fuga de Pingo d'Água com um homem. Volta à casa e encontra a velha, tristonha, com a inútil concha de retalhos na mão; ela morreria em pouco tempo.

Em *A vingança da peroba*, João Nunes, com inveja da prosperidade dos vizinhos, resolve construir um engenho de milho. Contrata um deficiente, Teixeira, para fazer a obra, que será feita com madeira da bela peroba que ficava na divisa das suas terras, o que causa problemas com os vizinhos. Teixeira conta a João Nunes sobre a vingança dos espíritos das árvores contra os homens que as cortam. Coincidência ou não, o engenho não funciona direito esmaga um dos filhos de João.

Um suplício moderno conta a história de Izé Biriba entregador de correspondências e outras cargas que trabalha na campanha eleitoral do Coronel Fidêncio. Obrigado a andar demais todos os dias, Biriba perde a saúde e pede demissão, o que lhe é negado. Continua no cargo com a intenção de vingança: não entrega um "papel" que garantiria a vitória de seu coronel. Coronel Fidêncio perde a eleição e a saúde, enquanto o coronel eleito resolve manter Biriba no cargo.

Em *Meu conto de Maupassant*, um ex-delegado conta a um homem em um trem sobre a morte de uma velha em um vilarejo. O primeiro suspeito, um italiano, é preso e solto por falta de provas. Passado algum tempo, novas provas o incriminam; preso em São Paulo e sendo levado de trem ao vilarejo, se joga da janela. Tempos depois, o filho da velha confessa o crime.



Pollice Verso fala do filho de Inacinho, filho do coronel Inácio da Gama, que forma-se em Medicina no Rio de Janeiro e volta para exercer a profissão. Começa a cuidar de um coronel rico para juntar dinheiro e ir a Paris reencontrar a namorada francesa. Como a conta seria mais alta se o velho morresse, a morte não tarda a acontecer. Na justiça, dois outros médicos velhacos dão razão a Inacinho. Ele vai morar em Paris com a namorada, levando uma vida boêmia. No Brasil, o coronel Inácio da Gama vangloria-se pelo filho que andava "aprofundando os estudos com os melhores médicos da Europa".

O narrador de *Bucolica* anda por pequenos vilarejos e sítios do interior e fica sabendo da trágica história da morte da filha de Pedro Suã, que morreu de sede. Aleijada e odiada pela mãe, ela adoeceu e, ardendo em febre, gritava por água. A mãe não lhe atendeu e ela foi encontrada morta na cozinha, perto do pote de água, para onde se arrastou.

O mata-pau é uma planta que cresce e mata todas as outras árvores ao seu redor. Dois homens conversam sobre ela e o assunto termina no caso de Elesbão e Rosinha, que encontram um bebê em suas terras e resolvem adotá-lo. Crescido, o menino se envolve com a mãe e mata o pai. Resolve vender os decadentes negócios do pai, contrariando a mãe-esposa. Ela quase se torna vítima do rapaz e acaba enlouquecida em um hospital.

Bocatorta era um negro que vivia nas matas da fazenda do Major Zé Lucas e, com a cara defeituosa, tinha fama de monstro. Cristina, filha do major, morre alguns dias depois de ir com o pai ver a criatura. Seu noivo, Eduardo, vai até o cemitério chorar a morte da amada e encontra Bocatorta desenterrando a moça. Junto com homens da fazenda, persegue Bocatorta, que morre ao passar num atoleiro - depois de ter dado o seu único beijo na vida.

Em *O comprador de fazendas*, Moreira recebe com entusiasmo um bem-apegoado comprador para a fazenda da qual quer se livrar, chamado Pedro Trancoso. Ele se encanta com a fazenda e com a filha de Moreira; promete voltar para fechar o negócio, mas nunca mais dá notícias. Moreira descobre mais tarde que ele é um safado sem nenhum dinheiro. Pedro, no entanto, ganha na loteria e resolve comprar mesmo a fazenda, mas é expulso por Moreira, que perde a única chance de se livrar das suas dívidas.

Em *O estigma*, Bruno visita o amigo Fausto em sua fazenda. Lá conhece a bela Laura, por quem Fausto era apaixonado, e sua fria esposa, com quem casara-se por interesse. Vinte anos depois, os amigos se reencontram no Rio de Janeiro, onde Bruno fica sabendo que Laura sumiu durante um passeio e foi encontrada morta com um revólver ao lado da mão, em um suicídio misterioso e inexplicável. A esposa de Fausto deu a luz a um menino que tinha um sinal semelhante ao ferimento de bala no corpo da menina. Fausto percebe tudo: a mulher havia matado Laura. Mostra o sinal do recém-nascido para ela que, horrorizada, padece até a morte.

Já *Velha Praga* não é um conto, mas sim um artigo em que Monteiro Lobato descreve e denuncia a vida dos caboclos nômades que promoviam queimadas da Serra da Mantiqueira.

PRÉ MODERNISMO

ANTÔNIO ALCÂNTARA MACHADO

► Braz, Bexiga e Barra Funda

Braz, Bexiga e Barra Funda é o retrato neo-realista traçado por Antônio de Alcântara Machado das comunidades italianas dos três bairros paulistas do título. São 11 contos curtos e diretos, quase crônicas, antecedidos por um prefácio em que o autor define o livro como um jornal e as histórias como notícias, aumentando o caráter realista. O autor registra o modo de falar destas comunidades, em uma mistura de português com italiano.

Os contos têm os seguintes títulos: *Gaetaninho, Carmela, Tiro de guerra no 35, Amor e sangue, A sociedade, Lisetta, Corinthians (2) vs. Palestra (1), Notas biográficas do novo deputado, O monstro de rodas, Armazem Progresso de São Paulo e Nacionalidade.*

CASSIANO RICARDO

► Martim cererê

Martim Cererê é a mais importante obra do poeta modernista Cassiano Ricardo, e também o ponto alto do movimento nacionalista do verdeamarelismo. É um poema épico, com ritmo e forma variáveis, que fala da origem da noite e da formação do Brasil. O índio Aimberê e o branco Martim se apaixonam pela índia Uiara. Esta coloca o desafio: se casará com aquele que lhe trouxer a noite. Martim, então, parte para a África e traz para o Brasil a noite - os escravos negros - conseguindo assim Uiara. Desta união surgem os bandeirantes, que desbravam o sertão, plantam o café e constroem a metrópole que é São Paulo.



Cassiano Ricardo se aproxima na obra do Ulisses grego para criar este mito da formação do país. Ele se coloca dentro das teorias do verdeamarelismo e do Grupo da Anta: para se atingir o progresso, foi necessário passar por cima do índio, das matas e de tudo o mais que se colocasse no caminho.

CLARICE LISPECTOR

► A hora da estrela

A hora da estrela foi o último livro publicado em vida da escritora ucraniana radicada no Brasil Clarice Lispector. Trata-se de um romance em que a história, na verdade, fica em segundo plano: o mais importante é a reflexão.

A história é narrada pelo irônico, auto-depreciativo e fictício escritor Rodrigo S.M.. Macabéa nasce em Alagoas, órfã e muito pobre, criada por sua tia. Única parente sua, viva dando cascudos na garota. Se mudam para o Rio de Janeiro, onde Macabéa consegue um emprego de datilógrafa numa fábrica de roldanas.

Sua vida é vazia, em uma longa meditação sobre o nada. Se dá poucos prazeres, sente-se culpada de propósito sem saber bem o porquê. Arruma um namorado, o também nordestino Olímpico, que a deixa por outra mulher que poderia lhe permitir a ascensão social. Quando rompem, Macabéa começa a rir por ter esquecido de chorar.

Um dia, vai a uma vidente, que lhe prevê um belo futuro. Feliz, Macabéa sai e é atropelada por um carro de luxo. É a sua "hora de estrela": ela é o centro do acontecimento. Como diz a autora: "viver é um luxo. Pronto, passou".

Clarice Lispector consegue fazer importantes reflexões a partir de acontecimentos banais. Usa a solidão de Macabéa para fazer uma crítica às desigualdades sociais.

► A paixão segundo G.H.

A paixão segundo G. H. é mais um dos romances em que Clarice Lispector se mostra influenciada pelo existencialismo, em especial o de Jean Paul Sartre. Como em muitas de suas obras, a história é secundária; o que importa é a ação interna dos personagens, a sua análise psicológica.

G. H. está tomando café em seu apartamento, como faz todos os dias. Vai ao quarto de sua empregada, recém-demitida, e vê uma barata. É este o momento de iluminação do personagem (situação muito comum nos livros de Clarice Lispector), que inicia uma reflexão sobre sua vida.

A náusea que sente inicialmente motiva um longo questionamento de sua própria existência e a consciência de sua solidão - e a da barata. Para voltar a um estado primitivo e encontrar a felicidade, G. H. tem que enfrentar sua náusea, encostar no inseto - e mesmo provar o seu gosto.

CORNÉLIO PENA

► A menina morta

A menina morta é um dos quatro romances escritos por Cornélio Pena, autor nascido em Petrópolis e que ganhou destaque adotando a linha psicológica em seus livros.

A história se passa em uma grande fazenda de café no Vale do Paraíba, no final de nosso período escravocrata. A menina do título, enquanto viva, evocava apenas sentimentos bons, sendo mesmo uma esperança para uma reconciliação humana naquele ambiente de tanto poder às custas dos escravos. Entretanto, após sua morte, mergulha os senhores em um drama íntimo, com o orgulho impedindo qualquer alusão ao que aconteceu. O seu retrato a óleo na parede fica ali, lembrando a todos de sua existência.

Na segunda parte do romance, a irmã da menina, que sobreviveu, retorna à fazenda. Em um misterioso processo de psicose, ela é confundida com a menina morta e feita herdeira da fazenda. O latifúndio se desola, se intemporaliza, envolvendo a sobrevivente em uma imensa sombra, junto à sua mãe, debilitada física e mentalmente.

O argumento desse romance se esboça através de situações e detalhes, que compõem o ambiente e com ele submergem numa atmosfera que delimita o seu próprio mundo.

CYRO DOS ANJOS

► O amanuense Belmiro

O amanuense Belmiro é o mais famoso livro do mineiro Cyro dos Anjos. Surgiu a partir de uma série de crônicas publicadas pelo autor no jornal A Tribuna.

O livro é uma espécie de diário iniciado por Belmiro Borba, um solteirão tímido e sonhador, na noite de Natal. Nele, Belmiro registra o dia-a-dia de sua vida modesta em Belo Horizonte, onde vive com as duas irmãs, e relembra com saudade a infância em Vila Caraíbas.



Belmiro foge à ação, sonhando e refletindo muito sobre tudo. É apaixonado por uma moça da alta roda, Carmélia, a quem ele associa em sua imaginação uma personagem lendária, a Donzela Arabela, e uma namorada de infância, Camila.

DYONÉLIO MACHADO

► Os ratos

Os ratos foi a obra com a qual Dyonélio Machado conseguiu fama e respeito. Trata-se de um romance da segunda fase do Modernismo, intimista e regionalista.

Toda a ação se passa em apenas um dia. O leiteiro ameaça Naziazeno de cortar o fornecimento caso ele não pague sua dívida. Ele tenta então conseguir o dinheiro pedindo um empréstimo para o patrão, jogando na roleta e no jogo do bicho, mas nada consegue. A solução acaba sendo um empréstimo de seu amigo Alcides.

À noite, Naziazeno mal consegue dormir, imaginando que os ratos estão roendo o dinheiro que conseguiu para pagar o leite de seu filho. Só consegue ter tranquilidade quando ouve o leiteiro despejar o leite.

ÉRICO VERÍSSIMO

► Clarissa

Clarissa foi o primeiro romance de Érico Veríssimo. Retrata a vida em Porto Alegre na década de 30 e serve como início para a história que se estenderá pelos romances da primeira fase do autor.

Conta a história da jovem Clarissa, de treze anos, que deixa o sítio em Jacarecanga para morar na pensão de sua conseqüadora tia e estudar em Porto Alegre. É uma menina sonhadora, saudosa de casa, por quem o jovem, triste e contemplativo músico Amaro é apaixonado.

Clarissa observa as pessoas que moram na pensão e em sua vizinhança, como a infiel Ondina, esposa de Barata, a família rica que mora ao lado e a viúva mãe de Tonico, um jovem mutilado que sonha em marchar com o exército e, frágil, acaba morrendo.

Ao fazer 14 anos, Clarissa ganha permissão para usar salto alto. Passa de ano na escola, da qual nunca gostou muito. No fim do romance, retorna a Jacarecanga para encontrar seu primo Vasco, para tristeza de Amaro.

► Incidente em Antares

Em *Incidente em Antares*, Érico Veríssimo faz uma incursão no realismo fantástico. A obra foi adaptada para a televisão em forma de mini-série, com bastante sucesso.

Na fictícia cidade de Antares havia duas famílias que disputavam a supremacia local, os Campolargo e os Vacariano. A primeira parte do livro mostra como elas vão se adaptando às mudanças da política nacional até que se unem para combater a "ameaça comunista" - como chamam a união da classe trabalhadora para reivindicar seus direitos.

Na segunda parte do livro, ocorre a greve dos coveiros. Inesperadamente, morrem sete pessoas na cidade, incluindo a matriarca dos Campolargo. Para pressionar os poderosos, os coveiros recusam-se a fazer o enterro. Sem serem sepultados, os mortos ganham vida; passam a investigar a vida dos parentes e amigos descobrindo todos os seus podres. Estando mortos e "livres", passam a criticar sem medo toda a podridão moral da cidade - enquanto fazem seus planos para conseguirem seu sepultamento.

► Olhai os lírios do campo

Escrito em 1938, *Olhai os lírios do campo* é um dos livros nacionais a alcançar maior número de edições. Utiliza-se da história dos médicos Eugênio e Olívia para fazer uma crítica ao materialismo e à ambição pelo acúmulo de riquezas.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira, vemos Eugênio a caminho do hospital, para onde vai encontrar Olívia, que está à beira da morte. Durante o percurso, ele lembra de sua vida, desde a infância até então, passando pelo casamento por interesse com Eunice e o encontro com a bondosa Olívia, por quem se apaixona.

A segunda parte, após a morte de Olívia, se dá de maneira mais linear. Eugênio finalmente evolui, deixando o egoísmo de lado e abraçando a solidariedade, inspirado pela memória de sua amada - que, mesmo depois de morta, mantém-se presente no texto através desta influência sobre o protagonista.

► O tempo e o vento

O Tempo e o Vento é a maior obra do escritor gaúcho Érico Veríssimo. Conta a história da família Terra Cambará durante dois séculos, tendo como pano de fundo a própria história do Rio Grande do Sul e do Brasil.



Inicia-se com a paixão de Ana Terra pelo mameluco Pedro, na época da fundação da pequena cidade de Santa Fé - à qual os Terra Cambará estarão sempre ligados. A filha de Ana e Pedro, Bibiana, casa-se com o Capitão Rodrigo Cambará. É a partir da disputa entre Rodrigo e o Coronel Bento Amaral que inicia-se a rivalidade entre as famílias Terra Cambará e Amaral.

A história prossegue com os descendentes do Capitão Rodrigo e sua participação na vida política gaúcha e nacional. Vemos a Guerra Farroupilha, a luta pela proclamação da República, a campanha pela eleição de Rui Barbosa para presidente, a ascensão e a deposição de Getúlio Vargas. Vê-se a degradação dos valores morais através dos tempos. Ao final, descobrimos que *O Tempo e o Vento* foi escrito por um dos sucessores do Capitão Rodrigo, Floriano.

O Tempo e o Vento tem cerca de duas mil e quatrocentas páginas. É formado por três grandes partes que, para facilitar o entendimento completo da história, apresentamos aqui em resumos separados: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*. Estas três partes são, separadamente, também bastante longas e subdividem-se em outras tantas. Só *O continente*, por exemplo, tem cerca de setecentas páginas.

Um certo capitão Rodrigo, parte integrante de *O continente*, chegou a ser editado separadamente, como um livro independente.

GRACILIANO RAMOS

► Angústia

Angústia é considerado por muitos críticos a principal obra de Graciliano Ramos. É uma das mais importantes obras de análise psicológica do nosso Modernismo.

O protagonista é Luís da Silva, funcionário público e escritor frustrado que leva uma vida pobre e medíocre. Seu ódio se volta contra o rico e irresponsável Julião Tavares, que seduz a sua noiva e depois a abandona.

Frustrado com seus planos mal-sucedidos, com ódio da sociedade. Luís acaba matando Julião Tavares, que representava tudo o que ele não conseguira ser e ter.

► Caetés

Caetés parece ter sido, para Graciliano Ramos, um exercício de técnica com o qual se preparou para seus brilhantes livros seguintes. Nele encontramos características do realismo, além dos períodos curtos e da economia de palavras que caracterizarão a obra posterior do autor - que busca o máximo de efeito com o mínimo de recurso.

A história se passa em Palmeira dos Índios, pequena cidade alagoana da qual o escritor foi prefeito. É narrado na primeira pessoa por João Valério, homem introvertido e fantasioso, que tem um caso com Luísa. Luísa é a esposa de Adrião, dono da firma onde João trabalha.

O romance é denunciado por uma carta anônima, que leva Adrião a se suicidar. Com remorso, João Valério se afasta da amante, mas continua como sócio da firma.

O título se refere à comparação que o próprio narrador faz dele com selvagens, como os caetés. "Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. É eu disse que não sabia o que se passava na alma de um caeté! Provavelmente o que se passa na minha com algumas diferenças."

► São Bernardo

São Bernardo é um dos mais densos romances de nossa literatura, além de uma das obras mais conhecidas de Graciliano Ramos. Assim como outros de seus livros mais famosos, tem traços do Realismo e do Naturalismo - em especial na conclusão de seu narrador-protagonista. O livro seria uma autobiografia de Paulo Honório. De sua infância, pouco se lembra, a não ser de ter sido guia de um cego e de ter sido acolhido por uma preta velha. Vivia de pequenos biscates até se aproveitar da fraqueza de Luís Padilha, jogador compulsivo, e lhe tomar a fazenda São Bernardo.

Homem com grande faro para os negócios, trata a tudo e a todos como objetos, vendo apenas os lucros que poderia obter. Para conseguir o que quer, não se furta a amedrontar e corromper os outros. Se envolve em uma disputa por terras com o vizinho Mendonça, antigo inimigo dos Padilhas, e este acaba aparecendo morto.

Constrói na fazenda uma capela para agradar o padre, uma escola para conseguir favores do governador. Com o sucesso da fazenda, começa a procurar uma esposa, para que possa ter um herdeiro. Idealiza uma mulher morena, de cerca de 30 anos - modelo no qual se encaixa a filha do juiz, Marcela. Porém, acaba optando por uma professora da escola, Madalena. Lhe propõe o casamento, explica as vantagens do negócio e ela aceita.

Madalena, contudo, tem tendências socialistas e não aceita o modo como Paulo Honório explora seus empregados. Ao contrário do que imaginava, João não consegue controlar a esposa como aos outros. Eles



têm um filho, mas Paulo nada sente por ele. Passa a ter ciúmes mórbidos da mulher e a sujeitá-la a uma vida de repressão e humilhação, que acaba levando-a ao suicídio.

Depois que a esposa morre, Paulo passa a sentir um vazio em sua vida. As lembranças de Madalena o perseguem. Pouco a pouco, a sua fazenda cai em ruína e seus empregados a abandonam. Sente-se um aleijado por ter destruído tudo à sua volta. Conclui: "a culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste." Reflete assim o pensamento determinista típico das obras de Graciliano Ramos.

► Vidas secas

Um dos mais famosos livros de Graciliano Ramos, *Vidas secas* é, na verdade, uma reunião de contos que formam uma narrativa. O autor escreveu primeiro *Baleia* e, depois de sua boa recepção, decidiu retomar os mesmos personagens.

É a história de uma família nordestina, formada por Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho, a cadela Baleia e o papagaio. Ainda no primeiro capítulo, a família sacrifica o papagaio para comê-lo e aliviar a fome. Chegam então a uma fazenda abandonada e decidem lá se instalar.

Quase não há diálogos. Os personagens, de inteligência curta e pouco vocabulário, são áridos como o ambiente em que vivem. Em uma visita à cidade, um dos garotos se espanta: tudo aquilo o que via tem nome? Como as pessoas poderiam guardar tantos nomes?

Fabiano chega a ser preso, ao se envolver em uma confusão com um soldado amarelo. Passa, então, a alimentar sonhos de vingança contra o soldado, deseja mesmo matá-lo; mas, ao encontrá-lo, não tem coragem e abaixa a cabeça para o rival. Sinhá Vitória lamenta a vida, a dificuldade de dormir na precária cama que possuem. Em certo momento, a chuva cai e todos têm esperança de uma vida melhor. Pura ilusão: logo a seca está de volta.

Em *Baleia*, Fabiano se vê obrigado a sacrificar Baleia, para tristeza de todos, que a viam como membro da família. Enquanto a morte se aproxima, Baleia sonha com um mundo cheio de preás para comer.

Finalmente, a situação se agrava, levando Fabiano e a família a deixarem a fazenda e procurarem um lugar melhor para se estabelecer.

GUIMARÃES ROSA

► Conversa de bois

Guimarães Rosa ficou conhecido como grande contador de "causos". Em *Conversa de bois*, um dos contos de seu primeiro livro, *Sagarana*, ele confirma esta fama.

O narrador fala de um tempo em que os animais conversavam entre si e imagina se isto até hoje acontece. Manuel Tiborna diz que sim, que inclusive poderia contar um caso de que sabia. O narrador diz que ouvirá a história, mas desde que possa contá-la depois modificando e acrescentando detalhes, com o que Tiborna concorda.

O fato começou na encruzilhada de Ibiúva, logo após a cava do Mata-Quatro. Tiãozinho é o menino-guia de um carro-de-bois que transporta rapaduras e o corpo de seu pai. O carro é guiado por Agenor Soronho, que era chefe do pai do garoto e é seu chefe. Agenor era amante da mãe de Tiãozinho, o que fazia com o que o pai do menino chorasse todas as noites na hora de dormir. Isto deixava o menino muito infeliz.

Durante a viagem, os dois bois que puxavam o carro conversavam sobre como era mau o ser humano, e que ainda por cima não tinha a força deles. Agenor explorava o menino, ria dele, o que revoltou os bois. Eles, então, resolvem libertar Tiãozinho: dão uma guinada repentina, derrubam Agenor e o matam.

► Grande sertão: veredas

A obra-prima de Guimarães Rosa é também o seu único romance, *Grande sertão: veredas*. É um livro instigante, inovador, em que o escritor faz uma grande experimentação linguística, utilizando-se de neologismos e termos coloquiais do sertão.

A narrativa é um monólogo de Riobaldo, que conta suas memórias a um interlocutor cuja fala é apenas sugerida. A fala dos demais personagens é também feita através das palavras de Riobaldo, um velho fazendeiro e ex-jagunço.

Riobaldo conta suas aventuras no interior de Minas, no sul da Bahia e pelo interior de Goiás. No meio disso, reflexões sobre tudo, em especial sobre a existência ou não do Diabo, fato do qual parece depender a salvação de sua alma: ele teria feito um pacto com o Demônio para vencer uma luta contra seu inimigo Hermógenes. Embora a existência do pacto pareça clara em alguns momentos, ela fica a cargo da interpretação do leitor.

Os acontecimentos todos são embaralhados pela memória do narrador, confusa pela passagem do tempo, o que leva o real e o irreal a se misturarem o tempo todo. No campo amoroso, a preocupação principal do



narrador é o amor de Diadorim - a quem conhece a vida toda como homem, o guerreiro Reinaldo, e cuja identidade feminina só conhece com o fim de sua luta com Hermógenes, em que morre.

► Primeiras estórias

Publicado em 1962, *Primeiras estórias* reúne 21 contos, sendo a primeira reunião de histórias de Guimarães Rosa dentro deste estilo literário. São histórias que captam acontecimentos aparentemente banais, dentro da característica do autor: buscar a partir do corriqueiro e do regional chegar ao universal. Com exceção de *Espelho* e *Darandina*, que se passam em grandes cidades, todos os contos são passados em um ambiente rural não identificado: fazendas, sítios, às vezes lugarejos e arraiais.

As personagens das histórias se ligam por uma característica comum: sua percepção da vida extrapola os limites da normalidade. São crianças e adolescentes superdotados, santos, bandidos, gurus sertanejos e vampiros. Dos 21 contos, sete apresentam personagens loucos.

São estes os 21 contos: *As margens da alegria*, *Famigerado*, *Sorôco*, *sua mãe*, *sua filha*, *A menina e lá*, *Os irmãos Dagobé*, *A terceira margem do rio*, *Pirlimpisquice*, *Nenhuma*, *nehuma*, *Fatalidade*, *Seqüência*, *O espelho*, *Nada e a nossa condição*, *O cavalo que bebia cerveja*, *Um moço muito branco*, *Luas-de-mel*, *Partida do audaz navegante*, *A benfazeja*, *Darandina*, *Substância*, *Tarantão*, *meu patrão* e *Os cimos*.

► Sagarana

No título deste livro, *Sagarana*, Guimarães Rosa já se utiliza de um recurso bastante comum em sua obra, o neologismo, em especial com o hibridismo. "Saga" é original de origem germânica e significa "lenda"; "rana" vem da língua indígena e quer dizer "à maneira de" ou "espécie de".

São nove contos, todos desembocando em alegorias e seguindo uma "moral", como em fábulas. Todos eles são iniciados por epígrafes que condensam as narrativas e foram retiradas da tradição popular mineira, de cantigas do sertão. São estes os contos: *O burrinho pedrês*, *A volta do marido pródigo*, *Sarapalha*, *Duelo*, *Minha gente*, *São Marcos*, *Corpo fechado*, *Conversa de bois* e *A hora e a vez de Augusto Matraga*.

A primeira versão de *Sagarana* é de 1937, e foi inscrita pelo autor no Prêmio Graça Aranha, promovido pela Editora José Olympio, ganhando o segundo lugar. A sua versão definitiva foi publicada em 1946, depois que o autor muito trabalhou em seus contos, reduzindo o livro das quinhentas páginas originais para cerca de trezentas.

JOSÉ LINS DO REGO

► Bangüê

Bangüê faz parte das obras do "ciclo da cana-de-açúcar" de José Lins do Rego. Nestes livros, ele põe no papel a sua experiência de infância e mocidade em um engenho de açúcar em Pernambuco.

O livro começa com o retorno ao engenho Santa Rosa de Carlos Melo, o mesmo protagonista de *Menino de Engenho* e *Doidinho*, que havia deixado o lugar com 10 anos de idade. Formado em direito, Carlos leva no local uma vida melancólica, tomado pela saudade dos tempos de infância e pela tristeza pela decadência de seu avô, José Paulino. Chega ao local Maria Alice, esposa de um parente mais pobre, e ela e Carlos tornam-se amantes. Com a chegada do marido de Maria Alice, porém, ela esquece Carlos, que passa a viver ensimesmado. Ao mesmo tempo, o engenho passa por difícil situação, sofrendo com a concorrência da Usina São Félix.

Com a morte de José Paulino, Carlos passa a dedicar-se desesperadamente à salvação do engenho que fora de seu avô. Contudo, acaba cedendo e os proprietários da usina compram suas terras.

► Doidinho

Doidinho é o segundo livro do "ciclo da cana-de-açúcar" de José Lins do Rego, que escreveu estes livros utilizando-se de suas lembranças da infância em um engenho.

O título é o apelido que é dado a Carlos Melo, o protagonista de *Menino de engenho*. Ele agora é aluno de um severo colégio interno e sonha em retornar ao engenho de seu avô José Paulino. Torna-se grande amigo de Coruja e apaixona-se por Maria Luísa. Além disso, conhece vários tipos de pessoas por lá: os intrigantes, os maus, os protegidos, os pequenos pederastas.

No final, Doidinho foge da escola e retorna ao engenho de seu avô.

► Menino de engenho

Primeiro livro do "ciclo da cana-de-açúcar" de José Lins do Rego, *Menino de engenho* começa a contar a história de Carlos Melo, que prosseguirá em *Doidinho* e *Bangüê*. O autor se utilizou de suas próprias lembranças para construir a história, em muito baseada em sua infância em um engenho.

Carlos é órfão de pai e mãe e é levado por seu tio Juca para viver no engenho do avô, José Paulino, maior proprietário de terras da região. Narrado em primeira pessoa pelo protagonista, o livro mostra as



experiências do garoto no engenho, em que não têm nenhuma repressão familiar e mesmo certos cuidados de que necessitaria. Sem a devida orientação, o garoto aos 12 anos já é corrompido, lidando de maneira precária com o sexo precoce e com a própria vida.

Ele vê seu avô como um Deus, e a si mesmo como o "coronelzinho", cujas vontades têm que ser sempre atendidas - como de fato são. O seu terror - como o de todos no engenho - é a Tia Sinhazinha, uma senhora de sessenta anos que administra o engenho com dureza e crueldade. Sua Tia Maria, por outro lado, será quem substituirá em sua cabeça as memórias de sua mãe.

O livro narra a vida dos escravos, seus castigos no tronco, e fala dos cangaceiros, única forma de resposta do povo humilde à situação difícil em que vive. Termina com a partida de Carlos para a cidade, onde vai estudar.

► Usina

Usina encerra a história iniciada em *Menino de engenho* e que prossegue com *Doidinho* e *Bangüê* - todos do "ciclo da cana-de-açúcar" de José Lins do Rego.

A narrativa inicia-se com a prisão do Moleque Ricardo e seus companheiros grevistas em Fernando de Noronha. Ricardo deixara o Engenho Santa Rosa oito anos antes, para deixar a vida de trabalhador alugado, mas acabara sofrendo muito mais com a vida nova. Ele então retorna ao Santa Rosa.

A partir da segunda parte, o livro conta o que aconteceu com o engenho depois que Carlos entrega seu patrimônio aos parentes - o que acontecera no fim de *Bangüê*. O Santa Rosa se transformou na Usina Bom Jesus; Dr. Juca, tio de Carlos, sonha com o prestígio. Ele negocia com os proprietários da Fazenda São Félix, Zé Marreira, e seu representante, Dr. Luiz, que terminam por forçar a venda da propriedade.

A enchente do Rio Paraíba finalmente arrasa com a propriedade, simbolizando o fim de um ciclo e fazendo com que o usineiro e sua família deixem o local.

LÚCIO CARDOSO

► A crônica da casa assassinada

Em *A crônica da casa assassinada*, Lúcio Cardoso cria uma atmosfera de pesadelo, com um clima mórbido.

O livro é construído a partir de cartas, diários e confissões de pessoas que conheceram a protagonista e dela própria. A tragédia passa a refletir-se nas testemunhas, que têm as mais diferentes reações. A angústia é fixada em torno de um amor que se acredita ser incestuoso.

Trata-se de uma narrativa complexa, em que o real e o onírico confundem-se, com grande peso para o lado introspectivo dos personagens.

MÁRIO DE ANDRADE

► Amar verbo intransitivo

Amar verbo intransitivo é definido por seu autor, Mário de Andrade, como um "idílio" (Pequena composição poética, campestre ou pastoril; amor simples e terno; sonho; devaneio). É um romance com várias características marcantes do Modernismo; se utiliza de linguagem coloquial, do expressionismo e não possui divisão de capítulos.

Elza é uma alemã contratada por Souza Costa para ser a iniciar sexualmente seu filho Carlos. Seu objetivo era que o rapaz não se "sujasse" com prostitutas. Oficialmente, porém, Elza - tratada durante todo o livro por "Fräulein", "senhora" em alemão - seria a sua professora de alemão.

Ainda muito infantil, Carlos de início não dá atenção à professora, o que a frustra; aos poucos, porém, ela consegue envolvê-lo, e ele vai ficando cada vez mais ansioso por suas aulas. A mãe de Carlos, percebendo a relação dos dois, pede à alemã que deixe a casa; Elza, então, lhe explica calmamente qual a verdadeira função para a qual foi contratada. Depois de conversar com Souza Costa, ela acaba concordando e permitindo que continue seu trabalho.

Finalmente a "aula mestra" acontece. Carlos adora a lição; fica viciado em "estudar". Seu pai, então, arma e o flagra com Elza, criando a situação para que ela vá embora. Carlos fica deprimido por um tempo, mas volta ao normal. Um dia, vê Fräulein na rua por acaso, e apenas acena com a cabeça. Ela, a esta altura, já está em outro trabalho.

Durante todo o livro, Elza sonha em voltar para a Alemanha, em se casar e levar uma vida normal. Estranha o comportamento dos latinos; no fundo, sente-se parte de uma raça superior, e não deixa nunca de ler os clássicos alemães, como Goethe, Schiller e Wagner. Através de Fräulein e de um empregado japonês, Mário de Andrade analisa a vida e o comportamento dos imigrantes no Brasil.

► Contos novos



Contos novos reúne os melhores contos do modernista Mário de Andrade. Escrito em um momento de crise pessoal, foi publicado apenas um ano após a sua morte. São histórias que, com linguagem coloquial, retratam o cotidiano de São Paulo e seus bairros típicos.

O autor faz um profundo mergulho na realidade social e psicológica do brasileiro. Os quatro contos de cunho biográfico e memorialista, centrados no personagem Juca, promovem uma "interiorização" de temas sociais e familiares, com foco narrativo em primeira pessoa.

Já os narrados em terceira pessoa procuram expressar a relação conflituosa do homem com o mundo. Em contos como *Primeiro de Maio*, *Atrás da catedral de Ruão* e *Nélson*, os protagonistas não têm nome: isso representa a alienação que fragmenta a existência humana na sociedade contemporânea.

Entre os nove contos do livro está *Peru de Natal*, o mais famoso de Mário de Andrade. Rose é a única personagem com nome na história, que coloca uma família anônima em torno de um peru de Natal e uma pobre decaída à espera de um encontro com o narrador. Este é um misto de poeta sentimental e doidivas, mas capaz de perceber que "naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus".

► Macunaíma

Macunaíma é uma espécie de coquetel do folclórico e do popular do Brasil. O livro é constituído no encontro de lendas indígenas e da vida brasileira cotidiana, de mistura com lendas e tradições populares. O espaço e o tempo é arbitrário, e o fantástico ganha ar de corriqueiro.

Macunaíma, o protagonista que dá título ao livro, seria uma síntese do modo de ser do brasileiro, luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador - daí o subtítulo de "o herói sem nenhum caráter". É um índio muito diferente do bom selvagem idealizado por nossos escritores românticos.

Nasce na selva, fala tardiamente e só anda quando ouve o som do dinheiro. Vira príncipe e trai o irmão Jiguê ao brincar com as cunhadas, primeiro Sofará e depois Iriqui. Mais velho, mata a mãe, enganado por Anhangá. Casa-se com Ci, a mãe do mato, tornando-se o Imperador do Mato Virgem. Tem um filho que morre ainda criança, transformando-se em planta do guaraná. Ci, cansada e desiludida, vira a estrela Beta da Constelação Centauro. Antes de morrer, deixa ao esposo a muiraquitã, uma pedra talismã que lhe garantiria a felicidade.

Macunaíma, no entanto, perde a pedra, que acaba nas mãos do rico comerciante peruano Venceslau Pietro Pietra, colecionador de pedras em São Paulo. Em companhia de seus dois irmãos, vai para São Paulo para reconquistar a pedra, que simboliza seu próprio ideal. Venceslau, que está disfarçado de comerciante, é na verdade o gigante Piaimã, comedor de gente; por isso, apenas apelando para a macumba Macunaíma consegue seu objetivo.

Macunaíma então volta para o Amazonas. Lá, não resiste à tentação do sexo e se deixa atrair pela Iara, perdendo definitivamente a pedra. Desanimado e desencantado com a própria vida, vai para o céu, onde se transforma em estrela da Constelação Ursa Maior, ficando relegado ao brilho inútil das estrelas.

MINOTTI DEL PICHIA

► O Juca Mulato

O Juca Mulato é provavelmente uma resposta ao Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Foi publicado pela primeira vez em 1917, tendo numerosas edições posteriores. Trata-se de um poemeto sertanista, de linguagem simples e vigorosa, que tornou-se uma unanimidade nacional.

Sendo um poema modernista, se enquadra na proposta de buscar uma arte genuinamente nacional. Juca Mulato, que na época foi apelidado de "gênio triste de nossa raça", era o caboclo feliz até o dia em que deitou o olhar na filha da patroa. Sofrendo muito, procura ajuda com um curandeiro, mas não dá certo. Acreditando que só na fuga encontraria o esquecimento, abraça-se à terra em despedida - mas a alma das coisas lhe aconselha a pensar bem antes de tomar uma atitude tão extrema. Encontra então a paz e volta ao mundo a que pertence.

NELSON RODRIGUES

► O beijo no asfalto

O beijo no asfalto é uma tragédia contemporânea, que contrasta a poesia com a vulgaridade. Como é normal na obra de Nelson Rodrigues, trata sem pudor de tabus relacionados ao sexo e à família.

Arandir presencia o atropelamento de um homem e, a pedido da vítima agonizante, lhe dá um beijo na boca. A polícia e a imprensa imediatamente o acusam de homossexualismo, sendo ridicularizado pela opinião pública e abandonado pela mulher, Selminha. Se refugia em uma pensão, sem se arrepender do que fez. É visitado por seu sogro, Aprígio, que lhe



revela ser apaixonado por ele e ter ódio e ciúmes por ele ter se casado com Selminha e por ter beijado outro homem. Acaba matando Arandir com dois tiros.

► Vestido de noiva

Vestido de noiva é uma peça que se desenvolve em três planos: o da realidade, o da alucinação e o da memória.

Alaíde, uma rica moça da sociedade carioca, é atropelada. No plano da realidade, ela é levada pelos médicos entre a vida e a morte para a mesa de operação, enquanto repórteres buscam informações sobre a tragédia; no plano da alucinação, Alaíde procura uma mulher chamada Madame Clessi, que foi assassinada vestida de noiva pelo namorado, no início do século.

Ainda no plano da alucinação, um homem acusa Alaíde de assassinato, e Madame Clessi lhe revela que ela realmente matara seu marido Pedro após uma discussão - cena que é reconstituída no plano da memória e, mais tarde, descobre-se ter sido apenas um sonho de Alaíde. Madame Clessi e Alaíde conversam tentando lembrar-se do dia do casamento de Alaíde e de duas moças que lá estavam, a mulher de véu e Lúcia.

Na verdade, as duas eram a mesma pessoa: Lúcia, irmã de Alaíde, que tem com ela uma violenta discussão no dia do casamento por ela ter lher roubado o noivo. Alaíde acreditava que Pedro e Lúcia conspiravam para matá-la e ficarem juntos. No plano da alucinação, a história de Alaíde se funde à do namoro de Madame Clessi com um jovem rapaz.

No plano da realidade, Alaíde morre. Ela e Clessi assistem a cenas do seu enterro e de uma discussão que tivera com Lúcia antes do atropelamento, em que dizia que mesmo morta não a deixaria ficar com Pedro. No entanto, a irmã realmente se casa com Pedro, apesar de ter na mente a imagem de Alaíde vestida de noiva.

OSWALD DE ANDRADE

► Memórias sentimentais de João Miramar

Memórias sentimentais de João Miramar é um marco na nossa literatura. Obra de Oswald de Andrade, um dos mais influentes artistas do Modernismo, traz para a nossa literatura a influência das vanguardas européias da época, em especial o Futurismo.

A divisão do texto não é em capítulos, mas em fragmentos em que a prosa e a poesia se confundem. O livro é, ao mesmo tempo, um diário sentimental e um jornal de interior, narrado em primeira pessoa por João Miramar - personagem em que Oswald de Andrade usou muitas de suas próprias memórias. A linguagem é frenética e telegráfica, cheia de neologismos e frases de estrutura incomum e inovadora.

João Miramar passou a infância em São Paulo, perdendo o pai muito jovem ainda. Estudou primeiro em uma escola mista, depois passou a ter aulas com um professor particular, Monsieur Violet, cuja filha Madô sempre aparecia para bisbilhotar as aulas - até que um dia, quando chegou a casa do professor, João o encontrou morto em um caixão pobre, com a filha chorando do lado. João entrou em um colégio apenas para garotos; farreava muito, não se interessando muito pelos estudos, para desgosto da mãe. Os dois vão morar com uma tia de João, Gabriela. João passa a conviver com seu primo Pantico, rapaz não muito educado, com quem inventa molecagens. Suas primas estudavam em um colégio interno; em uma carta, Nair, uma delas, conta que as garotas do colégio namoravam entre si, já que lá não havia rapazes.

Depois de formado, João passou a vagabundear com um ex-colega de escola, Dalbert. Em um teatro de baixa categoria, conheceu e se apaixonou pela atriz Gisella. Dalbert vai para a Europa e João passa as férias de dezembro na casa da tia Gabriela, convivendo com as primas. Pantico fora para os Estados Unidos; a mãe de João ficara em sua casa, doente, recebendo medicamentos.

Viajou para a Europa de navio. Durante a viagem, conheceu uma italiana que se interessou por ele, Madame Rocambola, e namorou sua filha Rolah. Em Paris, namorou a filha de um dono de restaurante, Madô. Se encontrou com Dalbert, que o levou para ver peças de teatro. Depois de conhecer vários países, recebeu um telegrama pedindo para que voltasse logo. Ao chegar em casa, descobre que sua mãe falecera.

Miramar casa com sua prima, Célia. Moram um tempo no Rio, depois mudam-se para Higienópolis. Viviam do café de suas fazendas. Têm uma filha, Celiázinha. Enquanto isso, tia Gabriela viaja para a Europa e lá conhece o Dr. José Chelinini, com quem vem a se casar - embora seu filho Pantico reprovasse. Ele também morava na Europa a essa altura, convivendo com a Segunda Guerra Mundial.

Fugindo da guerra, vêm ao Brasil Rolah e Madame Rocambola. Rolah agora era uma atriz, e Miramar tem um caso com ela. Para facilitar a convivência, investe em uma empresa de cinema, contra a vontade de Célia. Tia Gabriela retorna ao Brasil com as filhas, Conde Chelinini, seu marido, e seus parentes. O caso com Rolah faz com que João não dê a atenção devida aos negócios. Célia sofre um acidente, sendo chifrada por um boi; quando Miramar vai vê-la, ela revela que recebera uma carta anônima denunciando seu caso com Rolah.



Célia pede o divórcio. Miramar, assim como seus sócios, Britiho e Conde Chelinini, vão à falência; o Conde deixa Tia Gabriela e some, Britinho é assassinado em uma emboscada. Tia Gabriela morre e deixa uma grande herança, que fica em sua maior parte dividida entre Célia e sua irmã Nair. Mais tarde, Célia morre de pneumonia.

Pantico retorna já um homem feito, e ajuda João a conseguir a guarda de sua filha, Celiázinha, que agora era muito rica graças à herança que recebeu da mãe. Os dois passam a morar em um apartamento no Largo do Arouche; Celiázinha estuda e ensina muitas coisas ao pai. Um amigo envia uma carta contando que o Conde Chelinini agora era professor de dança na Europa.

Na cena final, com o título "Entrevista entrevista", Miramar relata que um repórter deseja saber por que ele não continua escrevendo suas memórias, já que é um ilustre escritor e privará a literatura de seu talento. Ele se nega e alega que já tem sua recompensa: a opinião do Dr. Pilatos - o amigo que dera notícias de Chelinini da Europa - segundo a qual as "Memórias" lembram Virgílio, apenas um pouco mais nervoso no estilo.

► Serafim ponte grande

Serafim Ponte Grande é, junto com *Memórias Sentimentais de João Miramar*, um dos maiores romances de invenção de Oswald de Andrade. O autor incorporou as tendências das vanguardas européias da época, principalmente o Futurismo, em uma obra de leitura difícil.

O herói se confunde com outro personagem, a narrativa passa da primeira para a terceira pessoa sem motivo aparente, personagens somem e retornam sem grandes explicações. Ao invés de capítulos, são 203 fragmentos organizados de diversos modos.

O romance pode ser dividido em três partes. A primeira mostra a infância de Serafim Ponte Grande, sua adolescência e o casamento com Dona Lalá. Há também a sátira à Revolução de São Paulo de 1924. Na segunda, vemos viagens e aventuras do herói na Europa e no Oriente. Na terceira, há o retorno e a viagem utópica. Serafim ataca o quartel da polícia, a imprensa e o serviço sanitário. Perseguido, é atingido por um raio. Pinto Calçudo, secretário de Serafim, fica com o navio e funda a sociedade utópica, composta por ele e os tripulantes, fazendo uma viagem permanente.

O protagonista encarna o mito de herói latino-americano individualista. Com ironia e sarcasmo, ele procura romper o conformismo e a hipocrisia burguesa. Mas seu sonho acaba tragicamente, com o "herói" atirado à marginalidade e à amargura.

RAQUEL DE QUEIROZ

► O quinze

O quinze é a obra mais conhecida da escritora cearense Rachel de Queiroz. A narrativa se passa durante a seca de 1915, que a escritora vivenciou em sua infância.

A história se dá em dois planos. No primeiro, Conceição, uma professora culta de 22 anos, vai passar as férias na Fazenda do Logradouro, encontrando lá a difícil situação vivida pelos habitantes locais em um período de dura seca. Se interessa por seu primo Vicente, que morava em outra fazenda e lutava de todas as maneiras para não perder seu gado. Apesar do interesse, a relação é dificultada pela enorme diferença de vida e cultura entre os dois.

Como a chuva não vinha, Conceição vai com sua avó, Mãe Nácia, para a cidade. Lá ela trabalha no Campo de Concentração, que cuidava dos refugiados da seca no sertão que vinham em péssimas condições de saúde, debilitados pela fome e pelas precárias condições de vida. Entre os refugiados encontra seu compadre, Chico Bento, cuja história se passa no segundo plano da narrativa.

Chico Bento é obrigado a deixar a fazenda onde vivia com a mulher e os cinco filhos. Com as economias, compra uma burra e mantimentos para atravessar o sertão e ir trabalhar extraindo borracha no Norte do país. Durante a viagem, um de seus filhos, Josias, morre envenenado, depois de comer mandioca crua; Chico, resignado, imagina que foi melhor para ele, que teve seu sofrimento encurtado. Outro de seus filhos, Pedro, foge com camboeiros de cachaça, deixando seu pai imaginando que ele realmente deveria estar melhor, já que era impossível uma vida pior do que a que levava com seu pai.

Quando chegam ao campo de concentração, Conceição cuida deles, fazendo com que se recuperem, e pega seu afilhado para viver com ela. Também arruma uma passagem para São Paulo para Chico, que assim desiste de ir para o Norte e leva sua família para a cidade grande.

Na cidade, Conceição descobre que Vicente estava se relacionando com uma "caboclinha qualquer". Quando os dois se encontram, ele confessa sem querer o que ela já temia; ela passa a lhe tratar de modo indiferente, sem que ele entedesse o motivo. Conceição é consolada por sua avó e acaba percebendo que as diferenças dos dois são grandes demais. A chuva finalmente cai no Ceará e ela e sua avó voltam para o Logradouro.



Rachel de Queiroz, neste livro, apresenta para a parte mais rica do país uma realidade que ninguém sabia sequer que existia, em uma demonstração de coragem e amor pela sua terra. Os diálogos usam uma linguagem coloquial, adequada ao cenário.

► As três Marias

As três Marias foi escrito por Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Narrado em primeira pessoa, passa em um internato católico para moças.

Uma jovem interna conta sobre sua experiência no lugar, falando de seus medos e frustrações enquanto desdobra-se o drama vivido por ela e suas colegas.

No final, a autora mostra seu processo de adaptação ao mundo exterior.

RAUL BOPP

► Cobra Norato

Publicado em 1931, *Cobra Norato* é a obra mais importante não só de seu autor, Raul Bopp, como do movimento antropofágico. As últimas edições foram retocadas pelo autor, que coordenou melhor as suas partes, retirou alguns versos e incluiu novas passagens.

No início do poema, o herói amara uma fita no pescoço da Cobra Norato e a estrangula. Depois, entra na pele do reptil e sai a correr o mundo, querendo fazer uma visita à rainha Luzia, com cuja filha pretende se casar.

Ele inicia sua viagem e vai descrevendo o cenário amazônico. Quando encontra a filha da rainha Luzia, descobre que a Cobra Grande também está atrás dela. Ele a rapta e é perseguido pela Cobra Grande; o Pajé-Pato, no entanto, ensina o caminho errado para a cobra, que se enfia pelos canos e acaba sob os pés de Nossa Senhora, enquanto o herói parte com sua noiva para as terras altas.

Prepara a festa de seu casamento e convida inclusive sua madrinha, a Maleita. Maleita, na verdade, é a "cocaína amazônica"; Cobra Norato representa a tragédia das febres. O fim do poema é quando o herói acorda.

A obra representa o ideal antropofágico e do Grupo da Anta, do qual Raul Bopp foi um dos maiores idealizadores; se utiliza das raízes nacionais e rejeita toda a influência estrangeira, procurando uma arte essencialmente nacionalista.

RUBEM BRAGA

► Contos escolhidos

Contos escolhidos, como fica óbvio pelo título, reúne histórias de Rubem Braga, considerado um dos mais importantes cronistas de nossa literatura. Ele é responsável pela afirmação da crônica como gênero literário moderno.

A sua linguagem é simples e direta, utilizando expressões do dia-a-dia, e a sua temática vem do cotidiano. É comum ele utilizar como ponto de partida uma pretensa falta de assunto, a partir da qual vai desenrolando sua prosa lírica como se estivesse procurando um tema. Também recorre a suas memórias, a seus amores, à infância em Cachoeiro do Itapemirim, à sua experiência como jornalista.